

**UNIVERSIDADE SÃO MARCOS**

**SIRLEY DA SILVA**

**NOVO OLHAR: MULHERES PROSTITUÍDAS**

São Paulo

2008

**SIRLEY DA SILVA**

**NOVO OLHAR: MULHERES PROSTITUÍDAS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a Universidade São Marcos  
como requisito para a conclusão do  
Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria do Socorro Taurino

Colaboradora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivana Moraes

Linha de Pesquisa: Políticas Públicas, Currículo e Práticas Pedagógicas da  
Educação Básica.

São Paulo

2008

## AGRADECIMENTO

Primeiramente ao Deus da vida por sua presença de fidelidade comigo para conclusão deste curso.

Carinhosamente a orientadora Maria do Socorro Taurino, e a colaboradora Ivana Moraes de Alencar, pela paciência, dedicação e incentivo que sem o qual não tornaria possível este trabalho.

A Dagmar de Souza, pela sua disponibilidade, e ajuda no decorrer deste trabalho. E a Roseli Consoli, por contribuir disponibilizando matérias.

Aos colegas de curso que deram apoio e incentivo na construção deste trabalho, com críticas, sugestões e palavras de estímulo.

Carinhosamente a Equipe de Pastoral da Mulher em Juazeiro, e a cada uma das mulheres que possibilitou a realização desta pesquisa de campo.

Especialmente às Irmãs de minha comunidade, Ivoni Grando, Josefina Platero e Florinda Fiorese.

Dedico a cada uma das mulheres com quem trabalhei e que me ajudaram a compreender um pouco mais esta realidade complexa da prostituição.

**Novo olhar: mulher prostituída**

Sirley da Silva

**Banca Examinadora**

---

(Nome e Assinatura)

---

(Nome e Assinatura)

---

(Nome e Assinatura)

Trabalho de conclusão de Curso aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>2 ASPECTOS HISTÓRICOS</b> .....	10
<b>2.1 Prostituição no contexto brasileiro</b> .....	15
2.1.1 Prostituição na cidade de Juazeiro / BA.....	21
2.1.2 Identidade estigma e preconceito.....	25
<b>2.2 A resiliência como um processo de superação</b> .....	30
2.2.1 Resiliência individual e comunitária.....	34
<b>2.3 Pastoral da Mulher em Juazeiro /BA</b> .....	35
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	39
<b>3.1 Sujeitos da pesquisa</b> .....	39
Ana.....	39
Bete.....	39
Camila.....	40
Débora.....	40
Érica.....	40
3.2 Instrumentos e procedimentos.....	40
<b>4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS</b> .....	40
<b>4.1 O reconhecimento da pastoral na vida pessoal das mulheres</b> .....	41
<b>4.2 Fatores considerados no processo formativo</b> .....	41
<b>4.3 Dificuldades encontradas</b> .....	42
<b>4.4 Superação dos desafios</b> .....	43
<b>4.5 Avanços na caminhada</b> .....	45
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	47
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49
Apêndice.....	50
Anexo.....	52

Silva, da Sirley. **Novo Olhar** - Mulher Prostituída. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade São Marcos. São Paulo, 2008. 56 f.

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é compreender como a abordagem da resiliência tem melhorado a qualidade de vida das mulheres prostituídas, tomando como referência para análise a pesquisa de campo realizada com as mulheres do Grupo Girassol, um dos Projetos da Pastoral da Mulher. Os dados coletados, foram agrupadas em cinco categorias de acordo com as características que se julga ser mais importantes. Para efetivação do trabalho a análise baseou-se no método qualitativo como forma de interpretar os dados da entrevista e a base principal para concretização da análise foram as teorias da Identidade, Estigma e Preconceito de Berger e Luckmann (1974), Goffman (1988), da resiliência como processo de superação de Melillo e Ojeda (2005). Quanto aos aspectos históricos da prostituição a base provém de Roberts (1998). Ao longo da história a prostituição foi caracterizada por diversas formas, mas é evidente que a pobreza, a miséria e o preconceito sempre atuaram na sociedade como forma de exclusão das pessoas mais fragilizadas nos aspectos econômico, político, cultural e social. É neste contexto que alguns educadores na América Latina vêm refletindo sobre a resiliência como um caminho de superação das adversidades, já que, possibilita olhar para o ser humano de maneira mais positiva. Um ser capaz de superar as mais complexas situações vivenciadas.

Palavras-chaves: prostituição, identidade e resiliência.

Silva, da Sirley. **Novo Olhar** - Mulher Prostituída. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade São Marcos. São Paulo, 2008. 56 f.

### **ABSTRACT**

The objective of the present work is to understand as the boarding of the resilience has improved the quality of life of the prostitution women. We are taking as reference for it analyzes the research of field carried through with the women of the Girassol Group, one of the Projects of the Pastoral of the Woman. Therefore, the characteristics had been grouped in five categories in accordance with that are judged to be more important. For effect of this work the qualitative method was chosen and the analyzes of the field research. The main base for concretion of analyzes had been to the theories of the identity, stigma and preconception of Berger and Luckmann (1974), Goffman (1988), the resilience as process of overcoming of Melillo and Ojeda (2005) and the Historical aspects of the prostitution of Roberts (1998). Through the history the prostitution was characterized by diverse forms. But it is evident that the poverty, the misery and the preconception have always acted in the mentality of the society as a form of exclusion of the more fragility people in the economic politician, cultural and social aspects. It is in this context that some educators in Latin America come reflecting on the resilience as a way of overcoming of the adversities.

Keys word: prostitution, identity and resiliency.



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema NOVO OLHAR: Mulheres Prostituídas. Como religiosa consagrada, a pesquisadora desenvolve um trabalho com mulheres em situação de prostituição. Acredita no seu potencial e na capacidade que possuem de serem agentes de transformação da realidade, como protagonistas de libertação e reconstrutoras de sua própria história. Integra o Instituto Religioso das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, que tem por finalidade única trabalhar com mulheres empobrecidas que sobrevivem do exercício da prostituição.

Este Instituto foi fundado no século XIX, em 1864, por José Maria Benito Serra, Bispo de Daulia (Austrália) e Antonia Maria de Oviedo Schönthal (CONSTITUIÇÃO<sup>1</sup>, OSR, 1981, p. 15). Desde a sua fundação, acredita-se que a pessoa humana é um ser em relação e que a educação se dá num processo integral, no qual o princípio norteador para com a mulher prostituída fundamenta-se na ética e na autonomia da pessoa humana. Atualmente, o Instituto prioriza e investe numa pedagogia que privilegia a co-participação na construção do conhecimento e a cumplicidade no processo de transformação.

Tendo em vista esta concepção e o movimento para liberdade, exige-se uma ação pedagógica com mulheres e não para elas (PROPOSTA PEDAGÓGICA DO INST. DAS IRMÃS OBLATAS DO SANTÍSSIMO REDENTOR, p. 25). Portanto, é fundamental que tal prática tenha como objetivo a ampliação do mundo, promovendo a superação da consciência crítica (FREIRE, 2005, p. 17).

Diante do sistema capitalista, da globalização, do patamar da pobreza, da miséria e analfabetismo, a violência vem aumentando cada vez mais nos grandes e pequenos centros urbanos, noticiados pela mídia. Com esta dura realidade cresce ainda mais o número de mulheres, adolescentes, crianças e jovens que vivem no mundo da prostituição.

Mediante esse contexto social, político, econômico e cultural, é que o Instituto das Irmãs Oblatas desenvolve uma proposta pedagógica de trabalho com mulheres resilientes. Deste contexto, origina-se o termo: prostituída.

Refletindo sobre o caminho realizado com as mulheres até agora, surge o seguinte questionamento: Qual o impacto da temática Resiliência na vida de mulheres pobres que vivem da prostituição? O objetivo geral deste trabalho é compreender como a abordagem da

---

<sup>1</sup> Constituição das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor.

Resiliência ajuda no processo de auto-superação dos limites e comportamentos vivenciados na prostituição.

Objetivos específicos:

- descrever as ações com as mulheres prostituídas; e
- identificar os aspectos de maiores avanços nos últimos tempos.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo e contempla uma metodologia que possibilita o estudo e a reflexão sobre várias teorias e de compreensão da experiência realizada pela Pastoral da Mulher com o Grupo Girassol.

Espera-se que ela possa contribuir com novas reflexões e práticas educativas no trabalho com a mulher, compreendendo melhor o seu universo e visando à transformação social, como também favorecer o crescimento científico e pessoal. Pretende-se proporcionar uma nova reflexão sobre o trabalho social que vem sendo desenvolvido dentro de um processo educativo fora da educação formal.

Faz-se necessário e urgente que se pense numa pedagogia própria, que responda aos desafios dos novos tempos, ou seja, que se faça da pedagogia tradicional uma pedagogia social, capaz de promover uma grande aprendizagem.

Neste aspecto, aponta-se um novo horizonte. Partindo desta reflexão, é notável o trabalho que já está sendo desenvolvido há 30 anos com mulheres prostituídas em Juazeiro – Bahia, com resultados satisfatórios: (...) “formação de indivíduo para a sociedade” (BENITO SERRA SEC. XIX)<sup>2</sup>.

Num primeiro momento, identifica-se o aspecto histórico, social, econômico, político e cultural da prostituição na humanidade com uma visão rápida pelo Brasil e, mais especificamente, pela Cidade de Juazeiro - Bahia. Aspectos teóricos relacionados à identidade, estigma e preconceito vivenciados pelas mulheres constituem a base do estudo, além da resiliência como processo de superação e a resiliência individual e comunitária. A seguir um olhar para o trabalho da Pastoral da Mulher em Juazeiro - Bahia.

---

<sup>2</sup> Missionário e educador dos povos Indígenas na Austrália e Fundador do Instituto das Irmãs Oblatas.

## 2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA PROSTITUIÇÃO

Segundo Roberts (1998), no início da Pré-história, não havia prostituição. As mulheres eram muito ativas e mais participantes na sociedade do que os homens. Neste período, ela ocupava lugar de destaque no âmbito familiar, social, econômico, político e cultural. Na dimensão religiosa, era considerada a “origem da vida”. Devido ao seu potencial criativo, a mulher criou forma importante de viver na humanidade, inventou a primeira organização social, ou seja, Clã - Matriarcal.

As primeiras realizações tecnológicas da mulher, neste período, foram as descobertas de plantas comestíveis, a invenção das primeiras ferramentas de pau para cavar, outros recipientes feitos de casca de árvore ou de pele de animais e raspadores de pedra. Ela tinha o domínio do fogo e a domesticação dos animais e usava as plantas para curar. Através de suas descobertas, deu-se o desenvolvimento da própria linguagem, levando-a ao avanço nos trabalhos comunitários.

De acordo com SJOO, Mor (sd) apud Roberts (1998), a representação da mulher na cultura da arte, como estátuas e pinturas da época, descreve-a muito mais do que a simples figura da fertilidade como atividade criadora adorada pelos homens pré-históricos. A mulher simbolizava um princípio ontológico bastante abrangente.

Na sociedade pré-histórica, a religião e a sexualidade eram interligadas. Com isso, o sexo era considerado sagrado e as sacerdotisas lideravam os rituais de sexo grupal e toda a comunidade participava, compartilhando uma união estática com a força da vida. Assim, a religião era praticada através do caráter sexual e todos tinham acesso à origem da divindade.

Com o surgimento das primeiras comunidades agrícolas, a religião da deusa criou raízes nos templos construídos pelo povo matriarcal. Tudo era organizado ao redor do templo. “As sacerdotisas viviam e trabalhavam, possuindo e administrando a terra em prol da comunidade” (ROBERTS, 1998, p.21).

No entanto, por volta do ano 3000 a.C. os homens das tribos guerreiras tomaram consciência do seu papel na procriação dos filhos e introduziram uma nova legislação baseada nos deuses do sexo masculino. Isso gerou uma grande competição pela supremacia. Os homens passaram a dominar os povos matriarcais, inverteram o papel da mulher e paralisaram a influência da religião centrada na deusa, tornando-se visivelmente a instituição da prostituição sagrada.

Os novos sacerdotes hebreus, escandalizados com a prostituição da época, instituíram conceitos pesados de moralidade sexual para as mulheres que tinham sua autonomia sexual.

Dessa forma, elas passaram a ser a raiz de todo mal e podiam ser difamadas e apontadas como prostitutas (ROBERTS, 1998, p. 30).

Segundo Roberts (1998), na Antiguidade, quando o equilíbrio do poder deslocou-se das mulheres para os homens, a sociedade passou a ser cada vez mais hierárquica. Sendo assim, a divisão das mulheres em esposas e prostitutas é tão antiga quanto a história patriarcal. Foi na antiga Suméria, por volta do ano 2000 a.C. que surgiram as primeiras leis segregando as duas.

À medida que as instituições religiosas e políticas masculinas foram crescendo, a forma patriarcal de casamento em que o marido literalmente era dono da esposa e dos filhos aprofundou mais ainda o abismo entre as esposas e as prostitutas (ROBERTS, 1998, p. 27).

Mas ainda assim algumas prostitutas conseguiam manter a sua autonomia sexual, enquanto as mulheres domesticadas eram sexualmente abusadas e controladas. Porém, essa sexualidade rebelde e insubmissa e o fato de não dependerem de um homem era uma ameaça ao poder patriarcal.

Foram os sacerdotes hebreus que desenvolveram e instituíram o conceito de “moralidade sexual” para as mulheres, pois insistiam que todas elas deviam ser publicamente designadas como propriedade privada de algum homem. Quando as mulheres não se sujeitavam a isso e escolhiam a prostituição como profissão, eram os principais alvos das campanhas de ódio dos sacerdotes, que institucionalizaram a doutrina que insistia que a sexualidade das mulheres, não inibida e nem controlada pelos homens, era um mal. Como herança, até hoje, o estigma da prostituta afeta as mulheres, pois qualquer uma pode ser rotulada de “prostituta” se sair da linha.

A Grécia Antiga também possuía um cenário rico no que dizia respeito à prostituição feminina e masculina. Havia diversos tipos de prostitutas, como as do templo, as cortesãs de classe alta, prostitutas, dançarinas, escravas de bordel, os serviços de meninos adolescentes, concubinas e escravas domésticas. As esposas gregas estavam reservadas ao espaço doméstico e à procriação de filhos legítimos para seus maridos, porém era com as prostitutas que eles buscavam a satisfação dos seus desejos.

Na Grécia, o conhecimento intelectual era proibido a uma esposa, pois era a marca da prostituta. As mulheres não poderiam sair da sombra de seus maridos, pois isso significava serem publicamente identificadas como prostitutas.

As prostitutas de rua, na Grécia, viviam em péssimas condições, sendo mais adequada a utilização do termo “escravas do sexo” e, pela primeira vez na história, estavam sendo cafetinadas, pois trabalhavam em bordéis controlados pelo Estado, que pagavam seus salários

diretamente a um funcionário homem que administrava o bordel. Muitos homens gregos estavam fazendo fortunas com a venda forçada dos serviços sexuais dessas mulheres: administradores dos bordéis, coletores de impostos e, finalmente, o Estado. Foi assim que nasceram, juntas, a cafetinagem estatal e a privada.

As *hetairae*, prostitutas de luxo, eram belas cortesãs de homens abastados e eram protegidas contra a lei. Estas *hetairae* eram conhecidas por seu charme, inteligência e influência sobre os homens que as sustentavam de forma extravagante (COBERTT, 1990, apud SOUZA, 2007).

Na Roma Antiga, a prostituição também era tida como uma profissão natural e aceita, sendo as atitudes dos romanos em relação à prostituição similares às dos antigos gregos. O curioso é que a maioria das prostitutas de elite era proveniente de famílias “respeitáveis”, instruídas, bonitas e realizadas, que, desprezando a posição de “respeitável” madame romana, preferiram manter a tradição das prostitutas de completa autonomia sexual e “se reconheciam como as verdadeiras “mulheres livres” de Roma” (COBERTT, 1990, apud SOUZA, 2007, p. 75).

No período da Idade Média, século V d.C., o Império Romano, totalmente enfraquecido pelas guerras, crises econômicas e rebeliões de escravos e camponeses, abriu espaço para as pressões das tribos germânicas em suas fronteiras. Estes invasores se espalharam pela Europa Ocidental, deixando o império abalado. As tribos invasoras eram agrícolas e centralizadas na aldeia, como forma de organização social. O foco da vida deslocou-se dos centros urbanos, para as regiões rurais (ROBERTS, 1998).

Após a queda de Roma, apenas a Igreja permaneceu intacta e emergiu como um poder intrínseco, o que provocou graves consequências para a sexualidade ocidental, especialmente para as mulheres, tendo o fato da idealização da castidade sido transformado em uma aversão pelo corpo e por uma severa condenação dos atos sexuais (FISHER, sd, apud ROBERTS, 1998).

Em oposição à prostituta sexualmente afirmativa e financeiramente independente, a Igreja promoveu a freira a um ideal de MULHER, com seus votos de pobreza, castidade e obediência (ROBERTS, 1998).

Mas, se por um lado, a Igreja condenava todo o relacionamento sexual, por outro, aceitava a prostituição como um mal necessário, pois seus membros sabiam que tinham de lidar com o mundo real dos homens que sempre continuariam a desconsiderar as regras da monogamia. Porém as prostitutas eram oficialmente excomungadas da Igreja.

Zapata (2004), afirma que, dentro do sistema patriarcal, a prostituição se desenvolve como uma atividade de prestação de serviço sexual que corresponde a uma visão mercantilista da prostituição como objeto de uma transação comercial como qualquer outra. Este enfoque está representado pela pessoa que se dedica a prostituir-se diante da grande demanda dos clientes. Se não houvesse demanda, não existiria prostituição (ZAPATA, 2004, p. 321).

Na época da Renascença, o norte da Itália era o berço do Renascimento, do Classicismo e da Razão, cuja sociedade emergente era centralizada no homem. Foi retomada a visão grega das relações entre os sexos, ou seja, a mulher voltou a ser reduzida à esfera privada, as esposas mantidas em estrita reclusão e houve o renascimento da cortesã de classe alta, as *cortegiane* de Veneza, Florença e Milão (ROBERTS, 1998).

Essas prostitutas italianas eram ricas, independentes e altamente instruídas, porém não incorporavam o aspecto de deusas como as *hetaires* e muito menos estavam livres de serem vítimas de violência, embora seu destino tivesse sido muito melhor do que o de suas companheiras de classe baixa, as *putanas* das ruas.

Para estas, a vida era totalmente limitada aos regulamentos e proibições. A prostituta de classe baixa não podia frequentar estalagens, tavernas ou igrejas, não podia prestar seus serviços aos turcos, mouros e judeus. Qualquer transgressão podia ser severamente punida com o açoite e o pelourinho. Apesar de não terem a mesma sorte das colegas bem nascidas, as barreiras de classe entre as prostitutas eram menos rígidas do que as da sociedade.

O pano de fundo para as mudanças nas atitudes, que foi além da marginalização das prostitutas, foi a sequência de mudanças econômicas, sociais, políticas e religiosas que remodelaram a sociedade ocidental durante o período da reforma do século XVI. Estes levantes iriam atingir muito as vidas da classe trabalhadora em geral, e das mulheres em particular (ROBERTS, 1998, p. 136).

A mulher poderia optar em ser uma esposa trabalhadora com uma carga enorme e pesada de trabalho, sendo miseravelmente paga, submetida ao desemprego, ou ser prostituta.

Com a Reforma Protestante, surgiu uma nova moralidade sexual, mais pragmática e repressiva do que aquela da igreja inicial. Declarando que o celibato dos padres era um ideal impossível, Lutero e Calvino propuseram a ascensão da instituição patriarcal do casamento.

Da mesma forma que a Renascença, a Reforma foi um movimento dominado pelos homens e continuou a definir qualquer forma de sexualidade feminina como ameaçadora e nociva. Para Lutero, o único propósito da mulher era gerar filhos. As virtudes do casamento e da maternidade eram exaltadas. O sexo extraconjugal não era tolerado. Segundo suas orientações, bordéis públicos foram fechados em toda a Alemanha, de cidade em cidade.

Para Roberts (1998), a prostituta contemporânea tem muito em comum com as prostitutas dos séculos anteriores: provavelmente é da classe trabalhadora, não especializada e relativamente inculta. Escolheu esta profissão pelo dinheiro. Em vez de ser oprimida em algum emprego miserável e degradante, prefere, na maioria das vezes, sujeitar-se ao molestamento sexual.

Na opinião pessoal da autora, de qualquer ponto de vista, em uma sociedade que adora o dinheiro e as realizações materiais, tornar-se prostituta é uma decisão racional tomada por uma mulher. As mulheres, quando assumem o trabalho sexual, estão na posição de recusar a pobreza, particularmente aquelas em condições de inferioridade, que compõem a maioria das prostitutas.

Segundo Souza (2007), o universo da prostituição é muito vasto, existe uma gama de tipos de profissionais do sexo (de diversas classes) e é muito complicado traçar um perfil econômico e cultural das prostitutas, visto que hoje as prostituições de luxo têm crescido visivelmente na sociedade, cujos principais atributos exigidos, ao lado da juventude e da beleza, são educação e cultura, atributos que eram a principal marca da prostituta da Antiguidade (as heitaraes gregas e as cortesãs romanas).

Para Bruns (2001), Apud Souza (2007), nem mesmo o processo de revolução sexual da mulher, que vem ocorrendo ao longo das últimas décadas e do qual surgiu a “nova mulher”, que se permite a escolha de um parceiro que satisfaça seus desejos e fantasias sexuais sem a promessa de algum tipo de compromisso, conseguiu abrandar a prostituição.

O comportamento dessa “nova mulher” até pode ser confundido, ocasionalmente, com o de uma prostituta. Porém, uma análise mais minuciosa sobre o assunto revela algumas diferenças:

Um exemplo marcante está no fato de a prostituta, historicamente, prestar ao homem um serviço de profissional do sexo, com regras pré-estabelecidas, “kits” de prazer, embalagens de sonhos e fantasias. Assim, o freguês compra o que puder e desejar: as meias verdades. A prostituta desempenha a tarefa de servi-lo e de fazê-lo acreditar que é o “maior” e que a possui (BRUNS, 2001, apud SOUZA, 2007, p. 14).

A mulher contemporânea, como está comprometida com a sua própria satisfação sexual, uma vez que sua busca também se dirige à realização de seus próprios desejos, não atende aquela expectativa de “servi-lo”, visto que não vende prazer, tal qual a prostituta (BRUNS, apud, SOUZA, p 34).

## 2.1 Prostituição no contexto brasileiro

Consoli (2005) afirma que o período colonial foi marcado por uma sociedade patriarcal, latifundiária e escravocrata, em que a mulher permaneceu em grande parte reclusa dentro os muros da casa grande, e era utilizada com frequência no regime de servidão e escravidão. Com o sistema servil e sem liberdade de escolha e opção, a prostituição transformou-se, com frequência, num meio de subsistência para muitas mulheres pobres.

Segundo alguns autores, as prostitutas do Brasil colonial “foram úteis para a construção e valorização do seu oposto: as mulheres puras, identificadas com a Virgem Maria e distantes da sexualidade transgressora” (C.E.M.C. p. 1992, p. 21)<sup>3</sup>.

Neste contexto, as mulheres que exerciam a prostituição eram vistas como pacificadoras da violência sexual, salvaguarda do casamento moderno e ao mesmo tempo eram taxadas de “mal procedidas” e meretrizes.

Para Rago (1987), compreender o significado da prostituição nesse período é ver como o pano de fundo existente, que era a pobreza onde o meretrício tornava-se um ofício ou uma forma de trabalho, ligava-se à mais imediata sobrevivência.

A precariedade das condições materiais de vida empurrava as mulheres para esse ofício... muito comum no quadro de pobreza da Colônia. Era comum mães, pais e maridos consentirem na prostituição de suas filhas e esposas, devido a sua extrema pobreza. Mães e filhas formavam um grupo doméstico que se sustentava com a prostituição, fosse ela dissimulada ou fonte de sobrevivência, e entravam nessa atividade de exclusão social (C.E.M.C, 1922, p. 21)

A prostituta carregada de preconceitos, como a herdamos hoje no Brasil, nasce, portanto, do conflito entre as duas diferentes ideias e realidades de prostituição existentes: a meretriz de bordel (alto luxo e com aparente permissão para transgredir) e as prostitutas da Colônia que, por razões de sobrevivência, iniciavam-se nessa atividade que marginalizava e excluía a pessoa. Rago (1987) diz: “No fim do Séc. XIX e início do XX, a prostituição foi classificada pelo saber médico e criminológico, com pressupostos endógenos, pelos quais as causas do ingresso na prostituição são de ordens individuais (fisiológicas e psíquicas), sendo enfatizada neste momento ‘como vício, fermento corrosivo, que tende a alastrar-se e a corromper todo corpo social’.

---

<sup>3</sup> A citação feita é relativa a um caderno de publicações “Comissão Estadual da Mulher catarinense” e, para efeito deste trabalho, todas as referências a esse documento serão apresentadas dessa mesma forma: C.E.M.C.



Também é definida como energia natural e selvagem que irrompe das profundezas do social, e que deveria ser contida para que não transbordasse em práticas ditas desconhecidas e clandestinas. No Brasil, o médico francês Alexandre Parent-Duchâtelet a define como a influência predominante no meio médico – sanitarista e entre a polícia de costumes. Ele relaciona a prostituição que aterrorizava as classes dominantes com as imundícies do submundo e com o lixo” (RAGO, 1987, p. 85).

Esse médico defende o projeto regulamentarista aplicado na França desde inícios do século XIX e realiza um minucioso estudo sobre as origens da prostituição e a vida cotidiana das mulheres em situação de prostituição, através de um levantamento estatístico sobre sua procedência, idade, estado civil, profissão, hábitos, clientela. Nesse estudo, preconiza as formas de controle através do confinamento em casas de tolerância e nos bordéis registrados pela polícia.

Seguindo esses passos, os médicos sanitaristas e a polícia brasileira, preocupados em conhecer minuciosamente e controlar a vida das mulheres que exercem a prostituição, começam a invadir o submundo e a investigar os hábitos delas, procurando acumular todo um conhecimento sobre a sua vida pública. Assim, elas são classificadas como mulheres, degeneradas e recebem o estereótipo da “putas”, para situá-las para fora do campo da normalidade sexual e social. Assim, constroem a “identidade” da mulher que exerce a prostituição, definindo, além de seus dados pessoais, sua própria constituição orgânica.

Entre as várias causas que favorecem a prostituição pública, destacam-se: a ociosidade, a preguiça, o desejo desmesurado de prazer, o amor ao luxo, a miséria financeira, que leva a mulher a buscar recursos próprios fora do lar, o desprezo pela religião, a falta de educação moral e principalmente o temperamento erótico da mulher. Além disso, os bailes populares e as folias carnavalescas criam condições especiais para a emergência de práticas devassas e pervertidas (MACEDO apud RAGO, 1987, p 86).

Estudos desta época revelam que a grande maioria das prostitutas provém das camadas mais pobres da população. Rago (1987) explica que, nesta época, a visão da mulher pobre que se prostitui é difundida e associada como a de uma criança ou selvagem que precisa ser cuidada pelo Estado e pelas classes dominantes para dar direção à sua vida. Pelo fato de ser a jovem considerada uma pessoa desorientada, a qual se perdeu na vida, ela necessita do auxílio de especialistas para re-encontrar o bom caminho e reintegrar-se, novamente, à sociedade (RAGO, 1987, p. 87).

Nesse momento, a prostituição é classificada através de mapas, segundo os quais as mulheres que exercem a prostituição são divididas em classes, gêneros e espécies. Na visão

dos médicos, "acentua-se que um dos traços mais característicos da personalidade da mulher pública é a preguiça, a aversão ao trabalho e a perseguição desenfreada do prazer" (RAGO, 1987, p. 88). Desta forma, no Brasil, reproduz-se o perfil da mulher que exerce a prostituição delineada pelos médicos franceses e pela literatura prostitucional.

Segundo Rago (1987), o discurso médico quer enfatizar que a prostituição é a negação dos valores dominantes e uma ameaça de subversão da ordem do mundo masculino. Também enfatiza que o objetivo principal da prostituição é a satisfação do prazer e que, nesta lógica, deve ser enclausurada nas casas de tolerância ou nos bordéis, vigiados pela polícia e pelas autoridades médicas e sanitárias.

Contestado pela campanha abolicionista levada a efeito no último quarto do século, o projeto regulamentarista fracassou no Brasil no mesmo período que na França. Porém, foi estabelecido um regulamento provisório às prostitutas, destinado a controlar o exercício de sua profissão e tentar impor-lhes um modo de vida rígido, onde todos os horários, gestos, hábitos e maneiras de vestir fossem calculados e controlados.

Ao mesmo tempo em que fracassa o projeto regulamentarista, o capitalismo aumenta o seu poder de indução sobre o comportamento e a sensibilidade e o estigma que recai sobre a prostituição adquire novo significado.

O estigma formulado em torno da prostituição como uma construção ideológica exerce um papel "civilizador" na sociedade porque, por seu intermédio, realiza a iniciação sexual dos rapazes e, por conseguinte, se afirma como uma alternativa para a preservação da virgindade das "moças de família" e da deserotização das esposas, reforçando o seu papel exclusivo de mães e donas de casa (RAGO, 1987, apud CONSOLI, p. 31).

Nessa nova etapa, a prostituição deixa de ser timidamente praticada em algumas casas reservadas para ser incorporada ao mercado capitalista. O bordel é idealizado a partir da necessidade de dotar a cidade de uma instituição adequada.

No início do século XX, a sexualidade passa a exprimir-se com maior força, tendo como correlato a constituição de uma indústria do prazer e da mercantilização da vida do submundo.

A prostituição reflete a lógica mercantil na sua vertente sexual, permeando a relação entre homens e mulheres e configurando-se em uma forma de sociabilidade subterrânea.

No imaginário social contemporâneo, a prostituta é a mulher fatal, a "ninfomaníaca". Por isso mesmo, inúmeros setores da população, preocupados com a moralidade pública e com a preservação dos antigos valores, passam a exercer maior vigilância sobre as prostitutas, obrigando os bordéis a se fixarem em zonas próprias ou periféricas. No entanto, a repressão

oficial é muito mais intensa no espaço baixo meretrício, ligado à camada de pequeno poder aquisitivo que, nas áreas de prostituição mais sofisticadas, são contempladas com um grau maior de tolerância.

Com a chamada Revolução Sexual Feminina, desencadeada na década de 60, algumas mudanças ocorreram. Porém, com relação à prostituição, percebe-se que o estigma formulado no imaginário popular permanece imutável e o isolamento social que lhes é imposto nesta época deixam-nas mais vulneráveis e expostas e fazendo aumentar a discriminação e a visão de marginalidade. Observa-se também que a prostituição não desapareceu, mas pelo contrário, os estudos sobre o tema demonstram que a força do fenômeno é ainda maior (RAGO, 1987, p. 89).

Assim, a prostituição “começa a adquirir novas formas, ou novas roupagens e tem uma faceta luxuosa, embora não possamos ignorar que o baixo meretrício continua sendo sua expressão majoritária” (ROCHA, 1992, apud. CONSOLI, 2005, p. 19).

Segundo Roberts (1998), atualmente, a prostituição, apesar de ser diferente da prostituição da década de 60, tem ainda muito em comum.

No 28º Congresso Internacional da Federação Abolicionista Internacional (FAI) 1984, a prostituição, no Brasil, foi enfocada e situada como um fenômeno que está muito espalhado na cidade e no campo, sobretudo nas áreas chamadas pioneiras e de grandes projetos: garimpo, construção de barragens, de usinas, de estradas, e nos portos, rodovias e outros. Foi situado também que cada dia aumenta a prostituição de menores. Entre as mulheres que exercem a prostituição, uma (com 18 ou 20 anos) já é considerada, em alguns lugares, como envelhecida, sendo apresentada como um fato natural dentro da sociedade capitalista onde se naturalizam os grandes problemas e apontada como uma necessidade pública, tradição secular, comércio livre.

O sistema capitalista permite e até exige a prostituição. Ele não é um sistema de justiça e igualdade, mas um sistema que, definitivamente, não visa ao ser humano (CASALDÁLIGA apud. CONSOLI, 2005, p. 33).

A ideologia consumista não hesita em fazer da mulher e do sexo artigos de consumo, ativando a organização comercial e a propaganda também naquilo que concerne à prostituição. Deste modo, a prostituição se tornou um instrumento organizado de lucro na engrenagem da sociedade de consumo.

Na última década do século XX, acontecem profundas mudanças na sociedade a qual é tomada de sobressalto pela força avassaladora do neoliberalismo, calcado num processo de

globalização importado fortemente em todos os campos da vida das pessoas, das comunidades e dos diferentes povos e nações.

Assim, a prostituição vai assumindo proporções alarmantes, devido a um complexo causal para o qual concorre, fundamentalmente, o problema econômico, a condição social e, em menor escala, razões de ordem psicológica.

Começa a surgir um novo posicionamento de alguns grupos de mulheres que se prostituem através da formação de uma auto-organização. Isso se deu a partir de 1987, por ocasiões da realização do Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas e da criação de Associações Estaduais, onde ocorreu uma iniciativa mais estruturada de organização de um movimento associativo próprio, preocupado com a redução do estigma, do estereótipo e da discriminação ao redor da atividade, a melhoria das condições de trabalho e qualidade de vida e o estabelecimento de uma linha direta reivindicatória com organizações governamentais e não-governamentais. As mulheres que assumem este posicionamento político passam a denominar-se “profissionais do sexo”.

Através da auto-organização e da auto-representação, elas buscam uma nova política, em que as próprias profissionais do sexo possam dizer o que querem para si e como entendem essa atividade profissional e sua identidade, o que se convencionou chamar autodeterminação das profissionais do sexo.

Segundo Teixeira (2002), a autodeterminação é uma política institucional que luta pela eliminação de todas as leis específicas sobre a prostituição. Por acreditar que as leis que regem as mulheres que exercem a prostituição devem ser as mesmas que regem todos os outros cidadãos, sem discriminação. No Congresso Nacional tramitam alguns projetos sobre a legalização da prostituição, os quais têm sido motivo de muita polêmica. “As prostitutas são estigmatizadas não apenas porque são consideradas culpadas pela transmissão de todo tipo de doença, mas pelo ofício que escolheram.” (BUCCI, apud, CONSOLI, 2005, p. 34)

Alguns grupos e setores veem que a tentativa de legalizar a prostituição no Brasil igualmente como a Alemanha e a Holanda (onde as mulheres passaram a ter os direitos de qualquer trabalhador, carteira assinada, plano de saúde e aposentadoria) não vai diminuir o problema, pois os países que legalizaram “são de um nível de desenvolvimento econômico muito diferente do Brasil e então sim, as pessoas que escolheram este caminho fizeram uma opção... No Brasil, a maioria das pessoas que optam por este caminho tomam tal decisão por falta de opção e de proteção Social.” (CBN, 2003)

Com isso, a definição no Brasil de um perfil da mulher que exerce a prostituição e um posicionamento comum delas próprias é muito difícil, uma vez que existem vários níveis diferentes na atividade estabelecida a partir de variáveis pouco definidas.

Conforme Poulin (2005), o desenvolvimento do sistema capitalista e a globalização neoliberal são hoje fatores dominantes na prática da prostituição e do tráfico de mulheres e crianças a fim de explorá-las e, com isso, obter maiores lucros. Cada dia que passa aumentam a desigualdade, a exploração e o desequilíbrio entre homens e mulheres, o que fortalece a mercantilização dos seres humanos e o triunfo da indústria do sexo. Essa se situa na confluência das relações comerciais capitalistas e da opressão das mulheres.

“Gera um lucro de 60 bilhões de euros; e a pornografia, 52 bilhões; as cifras das agências de turismo sexual divulgadas pela Web é avaliada em um bilhão de euros por ano, sendo que os lucros do tráfico para fins de prostituição estão avaliados entre 7, 8 e 13 ; 5 bilhões de euros por ano. São milhares de seres humanos submetidos à alienação do comércio de seu sexo”. (POULIN, 2005, p.41).

A tendência atual é prostituir crianças cada vez mais jovens. A indústria da prostituição infantil tem explorado 400 mil crianças na Índia, 100 mil nas Filipinas, entre 200 e 300 mil na Tailândia, 100 mil em Taiwan, 325 mil nos Estados Unidos, enquanto que na China há de 200 a 500 mil e, no Brasil, entre 500 mil e 2 milhões de crianças prostituídas. Assim a prostituição tornou-se um grande negócio na economia mundial (POULIN, 2005, p. 42).

### 2.1.1 Prostituição na cidade de Juazeiro / BA

A prostituição em Juazeiro aumentou muito por ocasião da construção da barragem de Sobradinho (BA), tempo marcado por opressão vivenciada pela população ribeirinha. Neste contexto, emerge um número significativo de mulheres advindas de vários lugarejos e cidades vizinhas, que migram para Juazeiro em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Não encontrando condições dignas, essas mulheres passam a sobreviver no submundo da prostituição. Diante desta realidade de desesperança, surgiu a Pastoral da Mulher, com a opção de construir, num esforço conjunto, um caminho de justiça e solidariedade com mulheres em situação de prostituição ([www.juazeiro.ba.gov](http://www.juazeiro.ba.gov)).

Em trinta anos de inserção em Juazeiro, a Pastoral da Mulher está sempre atenta às diversidades emergidas no contexto da mulher que vive em situação de prostituição. Com o objetivo de conhecer melhor este submundo e realizar uma ação mais eficaz no atendimento

às mulheres, não dispensa o uso do conhecimento científico. Em parceria com a Universidade do Vale de São Francisco, publicou um livro intitulado Perfil Sócio-Econômico das Mulheres em Situação de Prostituição no município de Juazeiro (BA).

Toda a parte teórica sobre a prostituição na cidade de Juazeiro deste trabalho monográfico de conclusão de curso fundamenta-se na bibliografia produzida pela organização acima citada.

Segundo o professor Duarte<sup>3</sup>, a “pobreza, miséria, violência, maus tratos, intolerância, preconceito e tantas mazelas sociais que assolam as mulheres que vivem em situação de prostituição em Juazeiro chegam a chocar todo e qualquer pesquisador”, porque mostra a total ausência do Estado nas diferentes esferas: municipal, estadual e federal. Essa população carece de ações dos serviços públicos tanto nas áreas de educação quanto nas de Saúde, Trabalho, Moradia e outras.

Tudo é muito precário, faltando até mesmo o alimento para o cotidiano. Há muitos grupos em situação de abandono e sofrimento. Mas, estas mulheres mais do que outros grupos, necessitam de atenção urgente e respeito “e, acima de tudo, de ter seus direitos garantidos por parte do poder público” (DUARTE, 2007, p.10). Os autores revelam que os dados encontrados no livro incluem somente os locais de atuação da pastoral: bares, boates, postos de gasolina, regiões do mercado do produtor<sup>4</sup> e Sede da Pastoral, onde são atendidas cerca de 230 mulheres por mês.

Ao estudar o perfil destas mulheres, percebe-se que sua identidade, constituída como a forma pela qual cada pessoa se auto-define, é algo sempre em construção e em constante mudança. É através desta construção individual que o indivíduo se diferencia do “outro”.

Partindo desta epistemologia, esta pesquisa levou em consideração os dados que identificam e constroem, de forma ampla, a identidade das mulheres em situação de prostituição em Juazeiro. Foi constatado que a faixa etária mais frequente entre as mulheres entrevistadas varia dos 18 anos aos 26 anos, contabilizando aproximadamente 54% destas. No entanto, a pesquisa abrangeu mulheres com idades variantes de 15 aos 63 anos. (DUARTE, 2007, p. 14)

Identifica-se que 72% de mulheres solteiras estão vivendo em situação de prostituição. Também se constata que 8,6% encontram-se separadas e 2,5% divorciadas. O Estado da

---

<sup>3</sup> Coordenador e organizador do Projeto Extensão, UNIFAVASF, 2007

<sup>4</sup> Mercado onde se vendem frutas e verduras: local de grande rotatividade de homens trabalhando, crianças catando frutas jogadas no chão para comer, adolescentes vendendo cafezinhos e que, ao mesmo tempo, combinam programa com os clientes. Mulheres muito pobres se prostituindo nos arredores.

Bahia aparece de forma significativa como local de origem das mulheres em situação de prostituição, tendo Juazeiro como a cidade de maior evidência. 25% das mulheres são de Juazeiro e 44% são de outras cidadezinhas baianas.

A cor da pele morena ou negra é uma problemática que “perpassa vários valores construídos no decorrer da história do Brasil. Por esse motivo, muitas discussões foram feitas destacando a questão das etnias, raças e preconceitos surgidos sócio-culturalmente no nordeste; as relações de gêneros ainda são muito desiguais, predominando a cultura machista” (DUARTE, 2007, p. 15).

Quanto à moradia verificou-se que 45,7% residem em casas próprias; 34,6% em casas alugadas; e 7,4% residem no local de trabalho; apenas 4,9% em estabelecimentos cedidos e 2,5% em terrenos invadidos. Somente 1,2% das mulheres residem em casa de suas mães, parentes ou padrasto.

Mesmo vivendo à margem da Igreja, essas mulheres mostram uma religiosidade muito forte. Aproximadamente 52% consideram-se católicas, enquanto 7,4% evangélicas, sendo que 40,7% não têm religião, mas dizem acreditar em Deus. Portanto, neste contingente, nenhuma das prostitutas se considera atea, porque assume uma religiosidade popular.

Segundo Duarte (2007), nas relações de trabalho e cidadania, 65,5% das mulheres em Juazeiro não exercem nenhum tipo de atividade remunerada para sobreviver. Mas 30% delas são responsáveis pelo sustento da família. As outras contribuem de alguma forma para o sustento familiar.

Quanto à documentação, observa-se que 30% das mulheres não possuem documento, como cadastro de pessoa física (CPF), Título de Eleitor e Carteira de Trabalho, os quais são importantes para o exercício da cidadania. Mesmo em relação ao Registro Geral (RG) e à Certidão de Nascimento, o número das mulheres que não os possuem é considerado alto, por serem documentos básicos de identificação do povo brasileiro.

Entre os benefícios governamentais existentes: Aposentadoria, Bolsa Escola, Cartão Cidadão e Bolsa Família, apenas 15 mulheres são beneficiadas. Entre estes benefícios citados, 09 mulheres recebem a Bolsa Família, que hoje é o principal benefício financeiro oferecido pelo Governo Federal às pessoas de classes sociais mais baixas (Duarte, 2007, p. 19).

Já quanto à constituição da Família, “contrapondo o imaginário popular da prostituta como mulher coberta de glamour, charme e beleza, como é muitas vezes mostrado no cinema e na televisão”, os dados mostram que a realidade está um pouco distante do que foi e é retratado pela mídia. (DUARTE, 2007, p. 22)

No município de Juazeiro, a mulher que está em situação de prostituição é “encontrada nos bares, postos de gasolina, boates e nas ruas, onde o glamour e o requinte são substituídos pela pobreza, miséria e violência.” (DUARTE, 2007, p. 22)

Nos prostíbulos, lugar de moradia para 8,6%, há pouca preocupação com a limpeza do ambiente. As condições de moradia e trabalho são deploráveis. Os ambientes são verdadeiros conglomerados de mulheres, vivendo e prostituindo-se em péssimas condições de higiene, levando-as a correr o risco de “proliferar doenças oriundas dessa falta de organização e cuidado.” (DUARTE, 2007, p. 23)

De acordo com a realidade, 98% das mulheres em Juazeiro têm, em média, três filhos, sendo que 81,5% são registrados. Cerca de 30 % delas declaram que moram somente com seus filhos, a maioria em casa própria ou alugada. Os filhos que estão estudando representam 55,6 % do total de filhos das entrevistadas. São muitos os motivos que os levam a abandonarem a escola. Desses filhos, 16% ainda não atingiram idade escolar, 84% desistiram de frequentar a escola por falta da documentação necessária para matrícula ou por residirem na zona rural, outros porque não há escola próxima de sua residência. Aqui se constata dois pontos: a negligência dos poderes executivos municipal e estadual em construir e manter escolas na zona rural do município em questão. Predomina a falta de apoio à família e de incentivo aos estudos para os filhos das mulheres em situação de prostituição (DUARTE, 2007, p.24).

A educação é um instrumento importante para a “constituição das estruturas sociais”. Estudos apontam que a educação deveria funcionar como meio de socialização e “inclusão” do indivíduo, porém, isso não acontece no universo das mulheres prostituídas em Juazeiro. Pode-se afirmar que o apoio da família é fator de suma importância para a permanência de qualquer indivíduo na escola.

Segundo os autores, a falta de permanência da mulher prostituída na escola deve-se a vários fatores: a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos sozinha, o preconceito à sua classe social, raça, situação econômica, que inviabilizam a continuidade numa instituição escolar formal. Mesmo rompendo com essas barreiras, falta-lhes o dinheiro para investir em material escolar e transporte. Essa situação de carência as deixa desestimuladas. “Os resultados obtidos revelaram que 91,4% das mulheres em situação de prostituição que atuam em Juazeiro – BA, encontram-se desvinculadas do âmbito educacional formal” (DUARTE, 2007, p. 26).



### 2.1.2 Identidade, Estigma e Preconceito

De acordo com Berger e Luckmann (1974), a apreensão do mundo, ao qual o homem é inserido ao nascer, se dá através de sua interiorização. As condições de vida na sociedade, seu modo de ser, suas regras, valores e expectativas em torno de cada personagem são apresentadas ao recém-nascido, a fim de prepará-lo para que venha a desempenhar seu papel neste mundo que o cerca.

Deste modo, ocorre a socialização primária, que “é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância e em virtude da qual se torna membro da sociedade.” (BERGER; LUCKMANN, 1974, p. 175)

Este processo ocorre a cargo dos “outros significativos,” conceito de George Mead utilizado pelos autores e em circunstâncias que envolvem elevada carga emocional.

A criança identifica-se com os outros significativos por uma multiplicidade de modos emocionais. Quaisquer que sejam, a interiorização só se realiza quando há identificação. A criança absorve os papéis e as atitudes dos outros significativos, isto é, interioriza-os tornando-os seus. Por meio desta identificação com os outros significativos, a criança torna-se capaz de se identificar a si mesma, de adquirir uma identidade subjetivamente coerente e plausível. Em outras palavras, a personalidade é uma entidade reflexa, que retrata as atitudes tomadas pela primeira vez pelos outros significativos com relação ao indivíduo, que se torna o que é pela ação dos outros e para ele significativos (BERGER, LUCKMANN, 1974, p.174-).

Nesta relação dialética com os outros, é significativo para a criança receber os outros valores e as normas sociais. É diante da aprovação ou reprovação de seus atos e a partir desses parâmetros que ela vai construir sua identidade.

A socialização secundária, por sua vez, “é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade” (BERGER, LUCKMANN, 1974, p. 175). Por exemplo, a escolarização, formação profissional.

Do processo de socialização decorre a relevância das políticas de identidade estabelecidas pela cultura.

O pensamento de Berger e Luckmann (1974) acerca de identidade colabora com a ideia de movimento e dialética, pois para estes autores a identidade é construída em processos sociais e modificada por suas relações em sociedade. Dessa maneira, uma pessoa não se constrói individualmente porque depende de outra para se desenvolver em sociedade,

então, ao mesmo tempo em que constrói, está sendo construída, formando-se nessa relação dialética.

A identidade passa por diversas modificações no decorrer da vida. A pessoa não é vista como ser estático. Vive em constante transformação. Esse processo dialético das relações sociais deve ser entendido em três tempos: *exteriorização*, *objetivação* e *interiorização*. Esses três termos são utilizados por Berger e Luckmann (1974) para explicar o processo dialético ocorrido na construção da realidade.

A interiorização, num sentido geral, constitui a base, em primeiro lugar, da compreensão dos semelhantes e, posteriormente, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido.

“Esta apreensão não resulta de criações autônomas de significado por indivíduos isolados, mas começa com o fato de o indivíduo “assumir” o mundo no qual os outros já vivem.” (BERGER, LUCKMANN, 1974, p.174)

A pessoa, ao mesmo tempo em que exterioriza o seu próprio ser no mundo social, o interioriza como realidade objetiva. Cada ser é um membro da sociedade na qual atribui significado e sentido à vida. As pessoas se constroem e se transformam dependendo de suas relações, não só participando do mesmo mundo, mas da subjetividade das outras pessoas, compreendendo e interpretando essa subjetividade, bem como o mundo em que ela vive assim tornando esse o seu próprio mundo, internalizando a realidade objetiva. Para os autores, ninguém pode existir se não estiver em comunicação e interação com outras pessoas, esse processo faz parte do mundo cotidiano.

A constituição da pessoa e da realidade também se dá pelas relações interpessoais nas quais se encontra envolvida, cada pessoa traz representações de seus hábitos para o mundo, o que poderá ser padronizado no âmbito social, envolvendo-se em uma cultura maior, chamada por Berger e Luckmann (1974) de *tipificação*. Dentro deste processo, existe a institucionalização que organiza e padroniza os hábitos das pessoas, controlando sua conduta. Os padrões sociais são firmados em sociedades antes mesmo de a pessoa nascer, sendo cristalizados como realidades objetivas.

Do processo de socialização decorre a relevância das políticas de identidade estabelecidas pela cultura.

Através da forma como a identidade é apresentada pelos autores e do que é entendido por tipificação e política de identidade, pode-se compreender a construção da identidade feminina na sociedade e, conseqüentemente, a identidade de mulheres que fogem desse

padrão construído, aceito e reproduzido, como as prostitutas, e como esta foi se transformando ao longo da história.

Em sintonia com Berger e Luckmann (1974), pode-se dizer que a política de identidade adotada historicamente pela sociedade em relação às mulheres supôs que elas buscassem, a partir de princípios transmitidos através da socialização primária, no casamento e na maternidade, o sentido de sua existência.

Vieira (sd, apud, Souza 2007), sob outro ponto de vista, afirma que a identidade feminina é produto social e reflexo do olhar do outro. Importa, antes de tudo, como e de que modo o outro a vê e não apenas a imagem que tem de si mesma. Em qualquer sociedade, a identidade é construída socialmente pelas práticas discursivas, cujo resultado é produto da cultura que a construiu; sendo assim, a identidade feminina é definida pelo discurso de seu interlocutor, resultando no efeito espelho, que se identifica pelo reflexo do olhar do outro. (VIEIRA, sd, apud SOUZA, 2007)

Ainda segundo a autora, pode-se dizer que o sexo masculino é o responsável direto pela formação discursiva da identidade da mulher; as mudanças devem começar pela quebra dos padrões discursivos masculinos sobre ela, o primeiro passo para resistir ao comportamento masculino de subjugação deve ser o apagamento das agressões verbais que permeiam as frases cotidianas, pois essas práticas são fortes contribuintes para o enfraquecimento da identidade feminina. Discursos direcionados à figura da mulher com o objetivo de depreciá-la devem ser descartados, para que no passar dos anos essa não sofra perdas irreparáveis em sua autoestima e por sua vez que não seja comprometida a construção de sua identidade.

É de comum acordo que o as prostitutas, ao longo da história, foram e continuam estigmatizadas. Segundo Goffman (1988), os gregos criaram o termo estigma para referirem-se às pessoas que tiveram seus corpos marcados com sinais de corte, fogo, ou mutilação dos membros, para indicar à sociedade que tais pessoas eram escravas, criminosas ou sem moral. Que, portanto representavam risco à sociedade.

A sociedade sempre necessitou estabelecer meios de categorizar as pessoas, dando-lhes atributos considerados comuns e naturais, de todas as categorias. Da mesma forma, os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de encaixar-se em tais categorias. Por outro lado, a rotina de relações sociais em ambientes já estabelecidos permite um relacionamento com as pessoas sem muita atenção ou reflexão pessoal. E quando um estranho é apresentado, incorre o risco de julgar a sua categoria apenas pelas suas

características externas, seus atributos e sua identidade social. Assim, as percepções e expectativas são transformadas em normas e passam a ser apresentadas de modo rigoroso.

Vistas desta forma pela sociedade, as pessoas estigmatizadas foram unindo-se por categoria como, por exemplo, os homossexuais as prostitutas e, ao longo da história, constituem uma “identidade social virtual”. Porque é por algo estampado no corpo que todos podem ver e identificar a categoria do indivíduo.

Dentro das categorias, os atributos que a pessoa carrega em si provam sua identidade social real. Um atributo pode tornar uma pessoa diferente de outras que se encontram numa categoria que pode incluí-la como ser menos desejada ou, em caso extremo, uma pessoa muito perigosa, completamente má e fraca, reduzindo-a numa pessoa estragada e diminuída socialmente.

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso na realidade é uma linguagem de reações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto não é em si mesmo, nem honroso nem desonroso (GOFFMAN, 1988, p. 13).

Goffman (1988) cita três tipos de estigmas diferentes: em primeiro lugar as fortes marcas corporais e as várias deformações físicas. Em segundo lugar, as culpas de caráter individual, observadas como uma vontade fraca e paixões tirânicas não naturais, crenças falsas e rigidez, desonestidade, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativa de suicídio e comportamento político radical. Por fim, há também os estigmas tribais de raça, nação e religião que podem ser transmitidos através de uma ideologia e contaminar todos os membros de um grupo.

Para o autor, um indivíduo que poderia ser facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que se pode impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, distribuindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que se tinha previsto (GOFFMAN, 1988, p. 14).

Um estigma é, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo. A pessoa estigmatizada assume suas características que já são conhecidas por um determinado público ou não. Toda a pessoa estigmatizada tem a predisposição à “vitimização”. Mas o indivíduo pode lutar para corrigir a sua condição de vítima (GOFFMAN, 1988, p.19). Freire chama a atenção dos educadores para ajudar no processo da consciência crítica da realidade, incentivando o cidadão a sair de lugar de objeto e assumir-se como sujeito protagonista de sua própria história (FREIRE, 2006, p. 22). Mas, enquanto o indivíduo não iniciar o processo de

ser sujeito, construtor de si mesmo, ele continuará usando seu estigma como desculpa pelo seu fracasso, ocorrido por outras razões (GOFFMAN, 1988 p. 20).

Quando as pessoas “normais e estigmatizadas” se encontram frente a frente e tentam manter um diálogo, acontece um dos momentos críticos, porque ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma. O indivíduo portador de estigma pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira de como os “normais” o identificam e o receberão. Essa insegurança acontece porque o estigmatizado não sabe em qual das categorias ele será colocado. Dependendo dessa categoria e de quem o aborda, ele formulará o seu discurso e poderá se posicionar como vítima ou como sujeito de transformação, ou até mesmo tomar uma postura de gostar de viver nesta condição.

Dentro deste contexto, falar de preconceito é uma tarefa árdua, mas urgente. Árdua, porque quando se aborda o preconceito, também deve-se tratar de como os seres humanos apropriam-se da realidade e agem frente a ela. Urgente, porque o preconceito é uma construção deturpada da realidade, presente nas ações e emoções do cotidiano. Nesse sentido, a Psicologia Social, abre possibilidades para compreensão do preconceito ao buscar compreender a subjetividade produzida e produtora das relações sociais (Schilling, 2008. [www.scielo.br/scielo.php](http://www.scielo.br/scielo.php)).

Para essa autora, conceber o outro como semelhante parece cada vez mais difícil na cultura ocidental. Na contemporaneidade, nossos traços físicos e nossa sexualidade ainda são alvos de discriminação e preconceito, principalmente quando se entendem esses traços como desqualificantes, pertencentes a minorias.

Segundo Martins e Galdino (2008), o preconceito pode ser encontrado na linguagem, nas ações e nas atitudes das pessoas cotidianamente. São inúmeras as categorias estigmatizadas, a começar pelo homem que se sente superior à mulher, o branco ao negro, a classe média aos pobres e à prostituta. O preconceito é construído nas mediações da subjetividade e nas relações sociais. Desse modo, o preconceito é produto e produtor das intermediações entre subjetividade e sociedade.

Outros autores ainda ressaltam que a palavra preconceito significa o conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que consistem em atribuir a qualquer membro de determinado grupo humano uma característica negativa pelo simples fato de pertencer àquele grupo: a característica em questão é vista como essencial definidora da natureza do grupo e, portanto, adere indelevelmente a todos os indivíduos que o compõem (MEZAN, apud MARTINS, 2008).

## **2.2 Resiliência como um processo de superação**

A palavra resiliência é um termo que vem da Física e significa a propriedade pela qual a energia armazenada num corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de uma deformação elástica. O termo ressalta a capacidade de resistência ao choque (AURÉLIO, p. 1493) .

Segundo Flach (1966), este assunto ainda é pouco conhecido no Brasil, mas existem vários autores escrevendo sobre resiliência. Ela é um fenômeno atual, mas já reside no coração e na evolução da humanidade. Desde a pré-história, têm-se bibliografias de mulheres marcadas pela força interior com a qual enfrentaram e superaram as adversidades de seu tempo. (FLACH, 1966, p. 15).

A palavra resiliência foi expressa pela primeira vez por Frederic Flach em 1966, em um artigo para referir-se às forças psicológicas e biológicas que são exigidas de cada ser humano para atravessar com sucesso mudanças que ocorrem em cada período da vida. O termo resiliência surgiu após anos de trabalho com a Psiquiatria e suas reflexões sobre o papel da psicoterapia na recuperação de pacientes que sofreram grande pressão ou trauma familiar ou social. Ao longo do tempo, ele foi descobrindo que o estado temporário de confusão e de angústia mental em pessoas com perfil resiliente pode curar velhas feridas e descobrir novas formas de lidar com os desafios da vida.

Para Flach, 1966, o termo resiliência significa ter forças para conter, dentro de limites razoáveis, a extensão da ruptura pessoal e reunir novamente os pedaços que foram perdidos em algum momento da vida.

A partir da década de 80, vários autores da América Latina escrevem sobre resiliência e seu significado, definindo-a como “Enfrentamento, de modo efetivo, das circunstâncias e eventos da vida severamente estressante e acumulativa (FLACH, 1966, p. 11).

Segundo Vanistendael (1994), a resiliência se distingue como um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que permite à pessoa ter uma vida sadia mesmo vivendo em ambientes conflituos. Este processo se realiza através do tempo, tendo afortunadas combinações entre ser o pensado como um atributo com que os indivíduos nascem e os que se adquirem durante seu desenvolvimento; todavia, trata-se de um processo que caracteriza um complexo sistema social em um momento determinado do tempo (RUTTER, 1992, p. 9, apud, VANISTENDAEL, 1994).

Para outro autor, a resiliência é a habilidade para ressurgir da adversidade, adaptar-se, recuperar-se e ascender a uma vida significativa e produtiva (CCB, Instituto on Child Resilience and Family, 1994).

A resiliência distinguiu-se por dois componentes: a capacidade de proteger a própria integridade sob pressão e a capacidade de forjar um comportamento vital positivo frente às circunstâncias difíceis (VANISTENDAEL, 1994, p.9).

“A capacidade do ser humano de fazer frente às adversidades da vida, superá-las e, inclusive, ser transformado por ela.” (OJEDA, 1994. p. 9)

Ojeda, 1995, confirma que a resiliência significa uma combinação de fatores que permitem a um ser humano afrontar-se e superar os problemas e adversidades da vida e construir-se sobre eles.

Segundo Henderson 2003, o paradigma da resiliência se fundamenta numa nova perspectiva que está emergindo dos campos da Psiquiatria, Psicologia, Sociologia e Pedagogia, pois os seres humanos estão expostos ao estresse e a traumas tão fortes que levam a pessoa a correr risco de morte .

Este conceito quer mostrar que as pessoas podem sobrepor-se às experiências negativas e, aos poucos, fortalecer o processo de superação. É importante que haja disposição para empreender ações, abordar, compreender e reforçar o desenvolvimento da resiliência que está eminente em todas as pessoas (HENDERSON, 2003 p. 20). Mas também entre os educadores se percebe a necessidade de fomentar a resiliência nas diversas instituições educacionais: formal e informal.

A resiliencia es un atributo que varía de un individuo a otro y que puede crecer o declinar con el tiempo; los factores son características de La persona o del ambiente que mitigan el impacto negativo de las situaciones y condiciones estresantes. Las Instituciones pueden aportar condiciones ambientales que promuevan reacciones resilientes ante circunstancias inmediatas, así como también enfoques educativos, programas y currículos adecuados para desarrollar factores protectores individuales (HENDERSON, 2003, p.27).

Melillo e Ojeda, 2005, afirmam que, para promover os fatores de resiliência, é necessário ter condutas resilientes, o que requer diferentes estratégias para todas as etapas vivenciadas no decorrer do processo, sendo que a primeira é identificação de pessoas resilientes em quatro categorias: “eu tenho, eu sou, eu estou, eu posso”. Ele explica que na primeira categoria, “eu tenho”, há necessidade de contar com pessoas de confiança. Pessoas que colocam limites para que os resilientes aprendam a evitar perigos ou problemas. Pessoas

que mostram, por sua conduta, a melhor maneira de proceder e acompanhar o desenvolvimento da pessoa em processo de resiliência.

“Eu sou” aponta elementos de autoestima: o resiliente percebe e valoriza suas capacidades e demonstra afeto e respeito a si próprio e aos outros. “Eu estou” encontra-se no aspecto da responsabilidade por seus próprios atos. “Eu posso”, a pessoa resiliente encontra-se num nível de aquisição de habilidades interpessoais e resolução de conflitos.

Os autores citados acima ressaltam a importância do indivíduo desenvolver condutas de resiliência e ações eficazes. A conduta de uma pessoa resiliente supõe a presença e a interação dinâmica de fatores os quais vão mudando aos poucos e trazendo melhor qualidade de vida. A conduta resiliente exige que a pessoa se prepare para viver e aprender com as experiências adversas como doenças, abandono ou mudança de estado ou país, morte de pessoa querida.

O papel da resiliência é desenvolver a capacidade humana de enfrentar, vencer e sair fortalecido de situações adversas e ser transformado por elas. É um processo que excede o simples “superar” essas experiências, já que permitem sair fortalecido por elas, necessariamente afetam a saúde mental (MELILLO, 2005, p. 18).

De acordo com Flach (1991), no decorrer da vida, a resiliência não será sempre a mesma, presente e interminável. O nível de resistência nos seres humanos sempre oscila ao longo do tempo. Nenhum componente da resiliência é parte estável de nossa personalidade. Ele explica que, algumas vezes, as pessoas são mais fortes e corajosas do que outras, isto, porque as características da resiliência podem estar dentro de nós em diferentes graus. Em alguns, bem resolvidos; em outros, podem não estar resolvidos. Mas isto não significa que essa pessoa não possua característica resiliente.

A existência de uma força não garante a presença de outra, uma pessoa pode ter alto nível de autoestima, porém pouco senso de responsabilidade. Talvez tenha grandes interesses, mas dificuldades de concentrar de modo mais profundo aquilo que o leve a desenvolver melhor o que que deseja. Por isso, o importante é ter atitude de avaliar constantemente suas forças e limitações. E quando tiver oportunidade, utilizar essas forças nos momentos de maior desafio. Com este esforço, poderá desenvolver os atributos de resiliência que lhe parecer mais frágil. E melhorar suas capacidades em lidar com os desafios, pois, não se podem prever sempre os tipos de capacidade e habilidade que necessitará para enfrentar rupturas que virão no futuro (FLACH, 1991, p. 131).

Para os autores Melillo e Ojeda (2005), a resiliência é vista como um processo. E neste, os fatores de resiliência exigem comportamentos e resultados resilientes. Cada vez mais



crece o interesse em considerar a resiliência como processo. Isto significa que ela não é apenas uma resposta à diversidade, mas que incorpora dois aspectos: *Promoção de fatores resilientes*. O primeiro passo no processo de resiliência é promover os fatores de resiliência, que foram registrados anteriormente.

A resiliência está intimamente ligada ao crescimento e desenvolvimento humano, incluindo diferenças de idade e gênero. Por outro lado, há o *Compromisso com o comportamento resiliente*, que pressupõe a interação dinâmica de fatores de resiliência selecionados ao “eu tenho”, “eu sou”, “eu estou” e “eu posso” para enfrentar a diversidade. Os passos incluem uma sequência de escolhas ou decisões. É importante identificar a adversidade, pois muitas vezes as pessoas ou grupos não conseguem perceber a adversidade. Neste caso é necessário definir a causa e o risco dos problemas.

É importante também selecionar o nível e o tipo de resposta adequada para crianças, adolescentes e adultos que conviveram com pessoas doentes, drogadas em graus elevados ou numa situação traumática de abuso sexual e de diversos tipos de violência que agredem a integridade do ser humano. Ao realizar um trabalho nestas situações, Melillo recorda que deve-se contar com familiar de confiança mais próxima da pessoa que é marcada por essa adversidade, procurando dar-lhe apoio e suporte para construir comportamento de resiliência.

Dentro do planejamento, deve haver tempo para que as pessoas envolvidas no processo possam enfrentar a adversidade. Nestes casos, implica abordar o problema de forma criativa para oportunizar à pessoa resiliente visitar e trabalhar tais situações traumáticas, respeitando o tempo e a realidade de cada um. Outra resposta requer ação imediata, no caso de desaparecimento ou morte de pessoa querida. Neste processo, é necessária avaliação constante de resultados de resiliência, porque o objetivo da resiliência é ajudar os indivíduos ou grupos não apenas a enfrentar a adversidade, mas também a se beneficiar das experiências. Um desses benefícios é: *aprender com a própria experiência*. O que se aprendeu e o que falta ser aprendido? Cada experiência implica sucessos e fracassos. Os sucessos podem ser utilizados na próxima situação de adversidade com maior confiança e os fracassos podem ser analisados para determinar como corrigi-los. Que fatores de resiliência, que comportamentos resilientes necessitam de maior atenção? Avaliar o impacto sobre os outros. Os comportamentos resilientes conduzem a resultados positivos na dimensão da família e da sociedade. O afrontamento de uma adversidade não pode prejudicar outras pessoas. Por isso, um dos fatores de resiliência é o respeito pelos outros e por si mesmo. Reconhecer o aumento e o sentido de bem-estar e melhoria da qualidade de vida. “Esses resultados implicam saúde mental e emocional, que são as metas da resiliência (MELILLO, OJEDA, 2005, p. 22).

A área da resiliência possibilita olhar o ser humano com um novo olhar. Um ser capaz de superar os grandes problemas de sua vida e de seguir confiante em seu processo, na certeza de que pode vencer outras adversidades que venham aparecer em algum momento de sua vida (MELILLO, OJEDA, 2005, p. 23).

### 2.2.1 Resiliência individual e comunitária

A busca por um novo paradigma na educação e re-inserção de pessoas empobrecidas, como a de mulheres em situação de prostituição, passa pela constatação de um universo em permanente mudança que não se paralisa com o uso do espaço, mas que força a transgressão do espaço cultural que significa certa ruptura de um mundo fechado e muitas vezes identificado como um “segundo útero”, o qual necessita ser rompido pelas pessoas que vivem no submundo da marginalização (SANTO, 2003, p. 10).

Segundo Antunes (2003), as comunidades resilientes são formadas por moradores de favelas, cortiços e de rua. Ou seja, por diversos grupos que vivem em situação de total abandono social, político, econômico e cultural e com tantas forças contrárias à vida, como a fome, a violência, o abuso sexual, falta de moradia digna e desemprego, a falta de um sistema de saúde pública que possibilite às pessoas sanarem suas doenças físicas, psicológicas, para transformarem suas vidas, como cidadãs de direitos e não de pedintes.

Mesmo diante do desrespeito e violação dos direitos humanos, essas pessoas ou comunidades sobrevivem a esses desafios e conseguem, com a força do grupo, organizarem-se e construir verdadeiros momentos de alegria e traçarem para si novos horizontes de vida, projetos e planos, que superem essa condição de excluídos. E como comunidade resiliente inclui-se e conquista seu espaço na sociedade e desenvolve sua cidadania com criticidade, participação ativa e transformadora.

São as atitudes de resiliência, que vão determinar o grau e os esquemas de defesa que serão desenvolvidos pela comunidade, fortalecendo-os num sistema de resistência e criando “barreiras à vulnerabilidade das inúmeras e persistentes pressões”, que vão surgindo no seu cotidiano (Antunes, 2003, p15).

Conforme Melillo e Ojeda, 2005, a resiliência nos sujeitos depende da interação da pessoa com seu entorno humano. No entanto, eles explicam os pilares fundamentais da resiliência como: *Introspecção*, que é a arte de se perguntar e dar resposta honesta; *Interdependência* é o saber fixar limites entre si mesmo e o meio com problemas, capacidade de manter distância emocional e física sem cair no isolamento; *Capacidade de se relacionar* e

habilidade para estabelecer laços e intimidades com outras pessoas e equilibrar a própria necessidade de afeto no relacionamento com os outros; *Iniciativa*, que é gostar de exigir de si mesma e pôr-se à prova em atividades progressivamente desafiadoras; *Humor*, que é saber encontrar o cômico na própria tragédia; *Criatividade*, capacidade de criar ordem, beleza e finalidade, a partir do caos e da desordem; *Moralidade*, consequência para entender o desejo pessoal de bem-estar a toda humanidade e capacidade de se comprometer com valores; e *Autoestima*, base de todos os outros pilares e fruto do cuidado afetivo consequente da criança ou adolescente por parte de um adulto importante (MELILLO, 2005, p 62).

A resiliência não é uma imposição, e sim uma proposta feita para as pessoas e comunidades que desejam percorrer este processo tendo a liberdade de escolha. Esta, porém, exige uma total abertura, acolhimento e respeito, tanto de quem vai iniciar o processo, quanto de quem vai acompanhar a pessoa (HENDERSON, 2003, P 20).

### **2.3 Pastoral da Mulher em Juazeiro / BA**

Segundo o site [www.oblatas.org.br](http://www.oblatas.org.br) do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, a Pastoral da Mulher nasceu em 1978 na Diocese de Juazeiro – Bahia, com um trabalho pastoral voltado para o atendimento à mulher que vive em situação de prostituição. Surgiu com Dom Tomas Guilherme Murphy, primeiro bispo de Juazeiro, e um grupo de voluntárias que se sensibilizaram à realidade de exclusão na qual viviam as mulheres.

No início, o trabalho foi desenvolvido em um pequeno espaço, que recebeu o nome de Escola Profissional São José. Um ano depois, as atividades foram se expandindo e houve a necessidade de buscar um novo espaço para atender a demanda deste público. Com isso foi inaugurada, em 1979, a Escola Senhor do Bonfim, em homenagem ao Santo de devoção típica do povo baiano, hoje Sede da Pastoral da Mulher.

Com a chegada do novo Bispo Dom José Rodrigues, em pleno contexto da construção da barragem de Sobradinho, época difícil para o povo e movimentos sociais, inúmeras famílias foram desalojadas de suas terras de forma drástica.

Em 1981, a convite do Bispo Dom José Rodrigues, o Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor assumiu a coordenação deste trabalho juntamente com um grupo de leigas. Com a grande migração humana neste período, segundo o registro da época, havia aproximadamente 2.000 mulheres provindas das diversas cidades da região e do Estados vivendo em situação de exploração, violência e esquecimento social.

A Pastoral desenvolve trabalho social, vive a solidariedade e o compromisso com mulheres e tem como objetivo desenvolver ações que promovam uma maior humanização desta realidade, gerando um processo de transformação social e política.

Tem uma equipe multidisciplinar composta de vários profissionais, que dão seguimento à Proposta Pedagógica construída em conjunto com as Irmãs Oblatas, que há vinte e oito anos atuam nesta Pastoral. Hoje, as Oblatas continuam presentes através da equipe Leiga Multidisciplinar, que desenvolve o trabalho com responsabilidade e eficácia sob a coordenação geral do Instituto das Irmãs Oblatas ([www.oblatas.org.br](http://www.oblatas.org.br)).

Segundo Duarte (2007), cerca de 230 mulheres são atendidas mensalmente pela Pastoral. A situação delas reflete o baixo nível de qualidade de vida a que estão submetidas. A Equipe Pastoral reafirma que essas mulheres têm muitos problemas sócio-econômicos e vivem em uma situação de exclusão social, sofrendo todos os tipos de preconceitos, principalmente os relativos à questão de gênero. Duarte e a Pastoral apontam para uma necessidade de maior reflexão por parte das mulheres dessa mesma situação e uma maior conexão consigo mesmas, no sentido de um maior auto-conhecimento enquanto sujeitos de sua história (DUARTE.UNIVASF, 2007, p. 14).

Diante dessa realidade, a Pastoral da Mulher adota em seu trabalho os seguintes critérios: *Visão Pedagógica* - fundamentada em quatro etapas: sensibilização, formação, capacitação, reinserção social e seguimento. Parte do princípio de uma pedagogia elaborada com as mulheres e não para elas, fundamentada na ética evangélica, no respeito e na autonomia do ser humano. *Visão Metodológica* - tem como prioridade uma ação de caráter interdisciplinar nas atividades. Apoiar-se numa metodologia de ação-reflexão das vivências cotidianas, baseando-se no método que ajuda a criar condições para o crescimento a partir das próprias experiências, sempre avaliando os resultados alcançados para uma análise crítica do processo desenvolvido, incluindo as perspectivas para maior aperfeiçoamento, investigação científica e sistemática e com maior rigor metodológico que subsidiam as intervenções profissionais ([www.oblatas.org.br](http://www.oblatas.org.br)).

A Pastoral da Mulher, em Juazeiro, tem em seu planejamento linhas de ação que norteiam o processo de formação e ação com as mulheres:

- Impulsionar uma proposta pedagógica de atenção à mulher enfocando os aspectos étnico-raciais, gênero, cidadania, alfabetização, saúde da mulher, psicológico e espiritual.
- Impulsionar a participação da mulher enquanto cidadã e a convivência grupal.
- Fortalecer os vínculos familiares.

- Promover a organização e articulação das mulheres.
- Impulsionar a economia solidária.
- Promover a formação permanente e contínua da equipe.
- Impulsionar uma análise sistemática da realidade.
- Promover um trabalho em rede com outras instituições, grupos e demais pastorais ([www.oblatas.org.br](http://www.oblatas.org.br)).

Para a realização deste trabalho, conta-se com uma rede de parceiros: Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, Diocese e demais pastorais, Secretaria de Saúde, Uneb (departamento jurídico), UNIVASF, Projeto Força Feminina (Salvador), Miserior (ONG), SEBRAE, SENAC, Voluntários e Mulheres Multiplicadoras.

Serviços oferecidos e atividades realizadas: atendimento psicológico (grupal e individual), atendimento social, encaminhamentos na área da saúde, palestras informativas (DSTs, políticas públicas, cidadania, gênero), oficinas de conhecimento humano, cursos profissionalizantes, visitas aos locais de prostituição, assessorias a outros grupos e equipes, encontros de articulação, oficinas de artesanato, culinária e um salão de beleza mantido pelas mulheres.

Segundo a Pastoral da Mulher, a proposta de desenvolver com as mulheres o projeto de economia solidária ainda encontra-se em fase de consolidação, no qual as mulheres envolvidas vêm se articulando com os outros grupos de geração de renda. Este contato favorece a elas maior fortalecimento de sua identificação com a proposta, a fim de que sejam mais motivadas a dar sequência ao próprio projeto.

O grupo que pertence ao projeto de Economia Solidária denomina-se “Mulheres Movimento”. Desde o início, elas vêm obtendo experiências em feiras e exposições, comercializando seus produtos. Dentro desta proposta, lançaram seu próprio empreendimento chamado “Girassol”, que é um espaço baseado nas estratégias e ações desenvolvidas na linha da economia solidária. As mulheres que fazem parte deste projeto buscam a inclusão social e a equidade de gênero, como também a diminuição do estigma e a geração de renda ([www.oblatas.org.br](http://www.oblatas.org.br)).

### **3 METODOLOGIA**

Para a realização do presente estudo, adotaram-se para a coleta de dados entrevistas qualitativas com mulheres que viveram ou vivem em situação de prostituição, atendidas pela

Pastoral da Mulher em Juazeiro, BA. Esta instituição atende somente mulheres prostituídas de baixo nível.

Esta é uma pesquisa de início bibliográfica, de caráter exploratório, completada com um estudo de campo. Segundo Gil (1996, p.48), a pesquisa bibliográfica exige um estudo mais elaborado do referencial teórico científico como livros, revistas, jornais, internet e impressos diversos.

A pesquisa exploratória é uma classificação que indica a possibilidade de estabelecer “maior familiaridade com o problema”, a fim de explicitá-los e construir novas ideias. Seu objetivo principal é o aprimoramento e descoberta das intuições, possibilitando, assim, o estudo dos temas mais ressaltados durante a pesquisa. O trabalho de caráter qualitativo requer um procedimento de “reflexão pessoal, autônomo, criativo e rigoroso” (GIL, 2004, p. 147). Exige uma análise interpretativa do conteúdo.

O campo de estudo, observação e aplicação do questionário diz respeito às informações coletadas das mulheres do grupo Girassol da Pastoral da Mulher.

### **3.1 Sujeitos da pesquisa**

Os sujeitos da presente pesquisa foram cinco mulheres do Grupo Girassol, assessorado pela Pastoral da Mulher em Juazeiro, BA.

Para preservar a identidade destas pessoas, foram atribuídos nomes fictícios, conforme caracterizadas a seguir.

Ana – tem 24 anos e não se prostitui. Possui o primeiro grau completo. Não participa de nenhuma religião. É solteira e tem 03 filhos.

Bete – tem 29 anos, está na prostituição há 05 anos. Parou de estudar na terceira série. É católica, solteira e tem 03 filhos. Seus familiares sabem que ela exerce a prostituição.

Camila – tem 42 anos, está na prostituição há 10 anos. É da religião católica, possui a 5ª série do Ensino Fundamental. É solteira, tem 02 filhos e seus familiares sabem que exerce a prostituição.

Débora – tem 42 anos, esteve 10 anos na prostituição. Tem o 1º grau completo, é evangélica, solteira, tem 01 filho e sua família sabia que exercia a prostituição.

Érica – tem 67 anos, esteve na prostituição 40 anos. É católica, tem o 1º grau completo, é solteira, tem 01 filho e sua família sabe que exercia a prostituição.

### **3.2 Instrumento e procedimentos**

Foi aplicada uma entrevista semi-estruturada, com o intuito de compreender a dinâmica de vida das mulheres pesquisadas.

## **4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

O presente estudo foi desenvolvido com base em pesquisa exploratória, a partir da análise das experiências de vida das mulheres prostituídas que estão fazendo um processo de saída da prostituição, tendo como um fator relevante o empreendimento Girassol.

A pesquisa foi aplicada em setembro, na Cidade de Juazeiro, BA, bairro Alagadiço, Sede da Pastoral da Mulher.

Os dados qualitativos foram obtidos por meio de entrevistas com cinco mulheres que viveram em situação de prostituição.

Para preservar a individualidade das mulheres entrevistada foram atribuídos os nomes fictícios Ana, Bete, Camila, Débora e Érica.

Foram analisadas as seguintes categorias: o reconhecimento da Pastoral na vida pessoal, fatores considerados no processo formativo, dificuldades encontradas, superação dos desafios e avanços na caminhada

### **4.1. O reconhecimento da Pastoral na vida pessoal**

Ana diz: *“Bom, pois transformei minha vida e me ajudou na educação dos meus filhos”*. Bete acrescenta que *“o trabalho ajudou principalmente na educação. aprendeu a respeitar e foi respeitada pelos outros. Elevou a autoestima e abriu portas em sua vida”*. Camila afirma: *“Bom, porque aprendi muitas coisas”*. Débora confirma: *“Bom trabalho, porque ajudou a desenvolver várias coisas na minha vida”*. Érica ratifica: *“Bom. O trabalho me chamou atenção, fez- me interessar e mudar muita coisa na minha vida; hoje sou uma dona de casa e me importo comigo e com meus filhos”*.

As entrevistadas reconhecem que percorreram um caminho de transformação de vida e, ao mesmo tempo, isto influenciou na educação dos próprios filhos. Elas ressaltam a experiência de respeitar os outros e foram fazendo a experiência de serem também respeitadas. Outro elemento importante para elas é a valorização de um trabalho digno, o seu pequeno empreendimento Girassol. Este abriu possibilidades para uma nova vida. Este grupo foi pouco a pouco redescobindo e reconstruindo sua identidade de mulher, mãe e dona de casa, que em seu tempo foram capazes de acolherem a si mesmas e a seus filhos.

De acordo com Berger e Luckman (1974), a identidade passa por diversas modificações. No decorrer da vida, a pessoa não é vista como um ser estático, mas vive em constante transformação. Por outro lado, eles afirmam que a pessoa, ao mesmo tempo em que exterioriza o seu próprio ser no mundo social, também o interioriza como realidade objetiva. Cada ser é um membro da sociedade na qual atribui significado e sentido à vida. As pessoas se constroem e se transformam em relações não somente participando do mesmo mundo, mas da subjetividade das outras, compreendendo e interpretando essa subjetividade, bem como o mundo em que ela vive, tornando este o seu próprio mundo, internalizando a realidade objetiva.

#### **4.2. Fatores considerados no processo formativo**

Ana diz: *“Na Espiritualidade, pois eu era bruta demais, me tornei mais humana e entendo os outros”*. Bete destaca: *“A abertura do Girassol abriu oportunidade para ela e as amigas. Ela está no Girassol porque gosta do trabalho, mesmo que, às vezes, o retorno financeiro seja pouco”*. Camila afirma: *“o reconhecimento de mim mesma, o saber ouvir, procurar reconhecer quando estou errada sem querer colocar a culpa nas outras; e as capacitações profissionais”*. Débora reafirma: *“o atendimento psicológico e as capacitações”*. Érica enfatiza: *“o reconhecimento da sociedade”*.

Observa-se que as mulheres, no decorrer de seu processo formativo, foram descobrindo a si mesmas e os outros como seres dignos de respeito. Cada uma se expressa com termologias diferentes, mas todas reconhecem e valorizam o caminho percorrido e crescimento alcançado. Em algumas falas nota-se o quanto é importante o reconhecimento de si e o retorno da sociedade. Ressalta-se o crescimento humano juntamente com o espiritual. Em relação à consciência crítica, as entrevistadas revelam que cada uma se considera uma cidadã digna, com direitos e deveres, sendo “sujeito” essencial na construção de uma sociedade cada vez mais humana e mais resiliente.



Vieira (apud, Souza (2007)), afirma que a identidade feminina é produto social e reflexo do olhar do outro. Importa, antes de tudo, como e de que modo o outro a vê e não apenas a imagem que tem de si mesma. Em qualquer sociedade, a identidade é construída socialmente a identidade feminina definida pelo discurso de seu interlocutor, resultando no efeito espelho, que identifica-se pelo reflexo do olhar do outro (VIEIRA, sd, apud SOUZA, 2007).

### 4.3 Dificuldades encontradas

Ana diz: *“No grupo, você não pode demonstrar o que sabe porque provoca ciúmes, também há falta de iniciativa dos componentes., Bete afirma: “as dificuldades são conversadas no grupo para poder buscar uma solução”*. No entanto, Camila considera que: *“as coisas que acontecem no grupo não são coisas que não acontecem em outros grupos e que nos levam a desistir”*. Débora enfatiza: *“a falta de retorno financeiro provoca dificuldades para continuar”*. Érica expressa: *“acredito que deveria ter mais união entre os componentes do grupo e maior permanência da assessoria da pastoral no ponto Girassol”*.

É notável o processo que as mulheres vêm desenvolvendo em relação ao trabalho no Girassol. Mesmo não obtendo o retorno financeiro desejado, elas veem como uma oportunidade de iniciar uma nova vida em espaço de trabalho totalmente diferente da prostituição e uma possibilidade de, através deste, ocuparem um novo lugar na sociedade

Neste processo, são destacadas algumas dificuldades na relação interpessoal e no trabalho em equipe, mas é interessante que elas mesmas vão observando o cotidiano de outros grupos de trabalho e chegando à conclusão que suas dificuldades não são destoantes, pois em qualquer grupo de pessoas humanas há inúmeros desafios.

De acordo com Flach (1991), no decorrer da vida, a resiliência não será sempre a mesma, presente e interminável. O nível de resistência nos seres humanos sempre oscila ao longo do tempo. Nenhum componente da resiliência é parte estável de nossa personalidade. Ele explica que algumas vezes somos mais fortes e corajosos do que em outras, isto porque as características da resiliência podem estar dentro de nós em diferentes graus. Em alguns bem resolvidos, em outros podem não estar resolvidos. Mas isto não significa que essa pessoa não possua característica resiliente.

A existência de uma força não garante a presença de outra. Uma pessoa pode ter alto nível de autoestima, porém pouco senso de responsabilidade. Talvez tenha grandes interesses,

mas dificuldades de concentrar objetivos, de modo mais profundo, que o levem a desenvolver melhor aquilo que deseja. Por isso, o importante é ter atitude de avaliar constantemente suas forças e limitações. E quando tiver oportunidade, utilizar essas forças nos momentos de maior desafio. “Com este esforço, poderá desenvolver os atributos de resiliência que lhe pareça mais frágil. E melhorar suas capacidades de lidar com os desafios, pois, não se podem prever sempre os tipos de capacidade e habilidade que necessitará para enfrentar rupturas que virão no futuro (FLACH, 1991, p. 131).

#### **4.4 Superação dos desafios**

Ana diz: “... *procurando parcerias, economizando e tendo fé*”. Bete afirma: “...*com muita paciência e calma, com conversa para buscar o melhor caminho*”. Camila confirma: “*Tento buscar alternativas dentro do próprio trabalho*”. Débora reafirma: “*Nos horários vago,s procuro algum trabalho para garantir alguma renda*”. Érica conclui: “... *não esquentando a cabeça, dialogando com o grupo e, às vezes, ficando quieta*”.

Conforme a fala das entrevistadas, ficam evidentes as atitudes e reações de cada componente do grupo diante das dificuldades apresentadas. Ressaltam-se as falas de Ana, Bete e Débora que utilizam a frase “*buscar parcerias, economizar e acreditar*”. E outras que destacam o melhor aproveitamento do tempo. São experiências que levam o grupo a ter uma postura mais positiva diante da realidade pessoal e econômica do país.

Segundo Antunes (2003), as comunidades resilientes são formadas por moradores de favelas, cortiços e de rua. Ou seja, por diversos grupos que vivem em situação de total abandono social, político, econômico e cultural e com tantas forças contrárias à vida como a fome, a violência, o abuso sexual, perda de pessoas amigas, carência no vestir e no morar, o desemprego, a falta de um sistema de saúde pública que possibilite as pessoas sanarem suas doenças físicas, psicológicas, emocionais e morais.

Mesmo diante do desrespeito e violação dos direitos humanos, essas pessoas ou comunidades sobrevivem a esses desafios e conseguem, com a força do grupo, organizarem-se e construir verdadeiros momentos de alegria, traçando para si novos horizontes de vida, projetos e planos que superam essa condição de excluídos. E como comunidades resilientes, incluem-se e conquistam seu espaço na sociedade, desenvolvendo sua cidadania com criticidade, participação ativa e transformadora.

São as atitudes de resiliência, que vão determinar o grau e os esquemas de defesa que serão desenvolvidos pela comunidade, fortalecendo-os num sistema de resistência e criando

“barreiras à vulnerabilidade e às inúmeras e persistentes pressões” que vão surgindo no seu cotidiano (Antunes, 2003, p15).

Ana diz: “*A Pastoral deve ser mais rígida, cobrando da mulher até que o grupo fique firme*”. Bete afirma: “*O apoio é muito importante, oferecendo orientação, capacitação e acompanhando o grupo nas decisões*”. Camila diz: “*...são várias: resgatar do ‘mundão’, apoio psicológico, inclusão no mercado de trabalho, capacitação profissional e reconhecimento de cada uma de nós como um ser humano de verdade*”. Débora reafirma: “*... dar apoio no que for necessário*”. Érica confirma: “*... apoiar como já é feito e levando cursos e parcerias para o grupo*”.

Parece que no inconsciente de uma delas ainda pode estar presente a imposição da força da autoridade vivenciada, que se reflete na Pastoral. Isso indica duas vertentes: uma pode estar relacionada ao medo de não se firmar no mercado e todo o grupo sair perdendo; outra no imaginário, relacionada à figura daquela pessoa que dominava sobre as outras na casa de prostituição (cafetinagem). A Pastoral parece ter percebido essa dinâmica. Por isso, diz: “O auto-conhecimento será um exercício necessário no aprendizado do dia-a-dia”.

Em relação ao papel da pastoral, quase todas as entrevistadas apontam como assessoria, dar apoio, orientações, acompanhar as decisões do grupo e capacitações e ter um olhar voltado também para as mulheres que “estão no mundão”, ou seja, que estas também possam ter a oportunidades que elas estão tendo hoje.

Diante dessa realidade, a Pastoral da Mulher adota em seu trabalho os critérios: *Visão Pedagógica*, fundamentada em cinco etapas: sensibilização, formação, capacitação, reinserção social e seguimento. Parte do princípio de uma pedagogia elaborada com as mulheres e não para elas, fundamentada na ética evangélica, no respeito e na autonomia do ser humano. *Visão Metodológica* tem como prioridade uma ação de caráter interdisciplinar nas atividades. Apoia-se numa metodologia de ação-reflexão das vivências cotidianas, baseando-se no método que ajuda a criar condições para o crescimento a partir das próprias experiências, sempre avaliando os resultados alcançados para uma análise crítica do processo desenvolvido, incluindo as perspectivas para maior aperfeiçoamento e investigação científica e sistemática e com maior rigor metodológico que subsidiam as intervenções profissionais ([www.oblatas.org.br](http://www.oblatas.org.br)).

Ana diz: “*Sim, hoje estou trabalhando por conta própria e me sinto mais livre, sem muita responsabilidade*”. Bete afirma: “*Sim, porque sou livre para fazer o que quero, para trabalhar e tomar decisões*”. Camila diz: “*... me considero em todos os aspectos*”. Débora afirma: “*Sim, porque hoje tenho mais liberdade para escolher as coisas para minha vida.*”

Érica explica: “*Sim, porque hoje eu corro atrás dos meus recursos para resolver meus problemas*”.

É interessante observar quando as mulheres falam: “hoje estou trabalhando por conta própria”. Isto significa que agora elas podem escolher e decidir. Quando estavam na prostituição, exerciam um trabalho forçado, que talvez fosse contra os seus princípios mais profundos por isso não consideravam como trabalho digno.

Outro ponto importante que elas ressaltam é a liberdade interior de poder fazer suas escolhas na vida e tomar decisões por si mesmas. Resolver seus próprios problemas, isto parece ter sido uma grande conquista das entrevistadas. Pode-se dizer que quando as pessoas fazem um encontro mais profundo consigo mesmas, elas se tornam mais livres para voar mais alto.

Conforme Melillo e Ojeda, 2005, a resiliência nos sujeitos depende da interação da pessoa com seu entorno humano. No entanto, eles explicam os pilares fundamentais da resiliência como: *Introspecção*, que é a arte de se perguntar e dar resposta honesta; a *Interdependência*, saber fixar limites entre si mesmo e o meio com problemas, capacidade de manter distância emocional e física sem cair no isolamento; *Capacidade de se relacionar* e habilidade para estabelecer laços e intimidades com outras pessoas e equilibrar a própria necessidade de afeto no relacionamento com os outros; *Iniciativa*, gostar de exigir de si mesma e pôr-se à prova em atividades progressivamente desafiadoras; *Humor*, saber encontrar o cômico na própria tragédia; *Criatividade*, capacidade de criar ordem, beleza e finalidade a partir do caos e da desordem; *Moralidade*, a consequência para entender o desejo pessoal de bem-estar a toda humanidade e capacidade de se comprometer com valores; e *Autoestima*, a base de todos os outros pilares (MELILLO, 2005, p 62).

#### **4.5. Avanços na caminhada**

Ana, Bete, Camila, Débora e Érica foram unânimes em dizer: *Auto - superação de si mesma, superação dos preconceitos da sociedade, Autoestima, Acredita em você e na outra, reconhece suas potencialidades, busca uma nova experiência de vida, valorização de si. Hoje tem melhor qualidade de vida. O apoio da pastoral é importante para o seu processo.*

Tendo em vista a resiliência como um processo que ajuda o ser humano na superação das adversidades, pode-se dizer, a partir da fala das mulheres, que elas são mulheres resilientes. Estão aprendendo a lidar com os desafios do cotidiano. Reconhecem que, hoje, elas têm mais qualidade de vida e são capazes de compartilhar com os outros as coisas boas

que aprenderam. Com um posicionamento mais positivo diante da vida, contribuem para a transformação do ambiente familiar, profissional e social.

Perante estas respostas, Melillo e Ojeda, 2005, ressaltam a importância do indivíduo desenvolver condutas de resiliência e assumir ações eficazes. A conduta de uma pessoa resiliente supõe a presença e a interação dinâmica de fatores, os quais vão mudando aos poucos, e tendo melhor qualidade de vida. A conduta resiliente exige que a pessoa se prepare para viver e aprender com as experiências adversas (MELILLO, 2005, p. 17).

Ana diz: *“Trabalho. Ter meu negócio próprio e construir uma casa melhor”*. Bete diz: *“Ser feliz. Saber fazer minhas escolhas”*. Camila expressa: *“Conhecer de perto todas as pessoas que tenham me ajudado a mudar de vida, construir minha casa e continuar fazendo meu trabalho no Girassol”*. Débora diz: *“Ter minha casa e uma renda para sobreviver”*. Érica expressa: *“O maior sonho é aumentar a casa, fazendo mais um quarto e ter a casa arrumada. Outro sonho é visitar as irmãs em São Paulo”*.

Percebe-se um grande avanço na caminhada das entrevistas, pois hoje o sonho para o futuro está mais próximo de acontecer. Ter sua própria casa, trabalho, saúde e educação são direitos dessas cidadãs. Mas, por outro lado, é luta, é conquista. Nota-se que as ferramentas para a ação elas já conhecem: perseverança, autoestima, determinação e compromisso.

O papel da resiliência é desenvolver a capacidade humana de enfrentar, vencer e sair fortalecido de situações adversas e transformado por elas. É um processo que excede o simples “superar” essas experiências, já que permite sair fortalecido por elas, o que necessariamente afeta a saúde mental (MELILLO, 2005, p. 18).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível constatar que o estudo é sempre um instrumento que possibilita construir o conhecimento e nos faz mais eficazes na ação do cotidiano. Relacionar teoria e prática é algo sedutor e, ao mesmo tempo, desafiador.

Para assumir esse desafio, fez-se necessário uma viagem até a pré-história. Ficou claro que, no período matriarcal, não havia prostituição. A mulher era dona do seu próprio corpo e considerada como a força vital, aquela que estabelecia a harmonia da sociedade e o ponto de sintonia entre o humano e o divino. Foram mulheres guerreiras que sempre proporcionaram a vida. Aqui já estava presente o perfil de mulheres resilientes.

Ao caminhar pela História, depara-se com as transformações econômicas, sociais e culturais da humanidade. Nesta nova fase, o homem disputa o poder com a mulher e toma-a em casamento, reprime-a e esta fica confinada ao espaço do próprio lar.

É no período patriarcal que o homem domina o corpo e assume o poder que é das mulheres. As casadas e mães eram mulheres intocáveis, as que contestavam essa dominação foram prostituídas, primeiro no Templo, como prostituição sagrada e, mais tarde, nos prostíbulos. Deste modo, a mulher passou de “sagrada” a prostituta.

A Idade Média foi um dos períodos mais cruéis para as mulheres, tanto a sagrada quanto a prostituta, sendo que esta última era considerada pecadora e condenada pela Igreja, mas, ao mesmo tempo, era suportável como o mal necessário para conter a força avassaladora dos homens e salvar seu casamento.

Foi possível constatar que, em quase todos os períodos da história da humanidade até os dias de hoje, as mulheres prostitutas foram estigmatizadas e excluídas da sociedade. Hoje elas continuam vivendo às margens da vida social. Como mostra a própria História, muitas mulheres foram e continuam sendo prostituídas pela ganância do poder econômico e político que, com frequência, continua reduzindo a pessoa humana ao nada.

Percebe-se uma situação econômica precária marcada pela difícil colocação da mulher prostituta no mercado de trabalho, o que acaba sendo também uma forte justificativa para o fato de ela dedicar-se à prostituição. Tudo isto vem adicionado a uma grave destruturação familiar, trazendo-lhe problemas e distúrbios psicológicos, tornando a mulher vítima das circunstâncias, por estar ela desprovida de uma preparação adequada quanto à formação profissional e humana.

Este panorama também está assinalado pela organização das profissionais do sexo e sua autodeterminação, diversidade cultural, rivalidade e, ao mesmo tempo, pela solidariedade

entre elas e pela luta por sobrevivência, que as leva a continuar afrontando a realidade imposta.

Estudar a prostituição na Cidade de Juazeiro, BA, e realizar a pesquisa de campo com as mulheres do Grupo Girassol, proporcionou momentos de sintonia profunda com cada uma das entrevistadas e de solidariedade com a realidade local. Conforme ocorria a interpretação dos conteúdos das entrevistas, vislumbrava-se o resgate da identidade de mulheres-cidadãs, mais conscientes e protagonistas de sua história.

São elas que, através de sua luta, busca, inquietações, medo e insegurança, vão abrindo portas e janelas para outras mulheres que enfrentam os mesmos desafios. Desta maneira, vão apontando um possível novo jeito de viver e de descobrir como ocupar um novo lugar social.

Em toda essa caminhada é evidente a luta contra as barreiras do preconceito do estigma social. Percebe-se que, de fato, estas mulheres estão no processo de se tornarem “seres resilientes”.

Este trabalho não termina aqui, porque as mulheres do Girassol continuam em movimento solidário, amadurecendo com as experiências do cotidiano. Elas são sinais de esperança não só para a equipe da Pastoral da Mulher em Juazeiro, mas também para o Instituto das Irmãs Oblatas no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Resiliência: A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade.** Fascículo 13. Ed. Vozes: Petrópolis RJ, 2003.
- AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa.** Nova Fronteira: Botafogo, RJ, 1986.
- BERGR, P. & LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade.** Vozes: Petrópolis, 1974.
- BRAGA, Maria Helena. **Educação Sexual da Mulher de Baixa Renda e em Situação de Prostituição.** Monografia de Pós-Graduação na UNISAL: São Paulo, 2007.
- CONSOLI, Roseli. **O Papel Social da Mulher de Baixa Renda que Exerce a Prostituição nos Grandes Centros Urbanos.** Monografia de Graduação em Serviço Social. Universidade Católica: Belo Horizonte, 2005.
- Contexto histórico da Cidade de Juazeiro.** Disponível em: [WWW.juazeiro.gov](http://WWW.juazeiro.gov), (Prefeitura) Acessado em 15/06/2008.
- DUARTE, Francisco Ricardo. UNIVASF. **Perfil sócio-econômico das mulheres em situação de prostituição do Município de Juazeiro (BA).** Organizador Francisco Ricardo Duarte. Petrolina: 2007.
- FARIA, Nalu. POULIN Richard. **Desafios do Livre Mercado para o Feminismo.** ed Sof – Sempre Viva Organização: São Paulo: 2005.
- FLACH, Frederic. **Resiliência a arte de ser flexível.** ed Saraiva: São Paulo 1991.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 33 ed. São Paulo, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** 42 ed: Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2005
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4 ed. São Paulo, 2002.
- GOFFAMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1982.
- HENDERSON, Nan Milstein. **Resiliencia en la Escuela.** ed Paidós. Buenos Aires, 2003.
- INSTITUTO das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor. **Proposta Pedagógica.** São Paulo, 2005.
- MARTINEZ Fábregas Isabel Ana, BENEDITTI Renato Marcos, ROSTAGNOL Susana. **ORG. Identidade, Sexual e poder no Universo da Prostituição.** Dacasa: Palmarica: Porto Alegre 2000.



MELILLO, Aldo. OJEDA, Elbio Nestor Suarez. **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. ed. Artmed. Porto Alegre, 2005.

MUNIST, Mabel e Colaboradores. **Manual de Identificación y Promoción de la Resiliencia: em Niños y Adolescentes**. Organización Panamericana de la Salud. Editora Fundación W. K. Kellogg: Septiembre de 1998.

*O Debate sobre o preconceito na atualidade*. SCHILLING Flávia. GALDINO, Sandra. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php](http://www.scielo.br/scielo.php). Acessado em 10/09/2008.

RAGO, Margareth. Prostituição: Permanências e Mudanças. **In: Conferência Regional Latino Americana**, 1993. São Paulo: Brasil.

\_\_\_\_\_. **Do Cabaré ao Lar a Utopia da Cidade Disciplinada**. ed. Paz e terra. Brasil 1890 – 1930.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na História**. Tradução: Magda Lopes. ed Rosa dos Tempos: Rio de Janeiro, 1998.

SANTO, Ruy Cezar Espírito. **Pedagogia da Transgressão**. 4ª ed. Papirus: São Paulo, 2003.

SOUZA, Dagmar Silva. **De Sagradas a Profanas as Identidades da Prostituta**. Monografia de graduação em Psicologia. Universidade São Marcos: São Paulo, 2007.

TEIXEIRA, Paulo R. (coord) **Documento Referencial para ações de Prevenção das DST e a AIDS nº 47**. Ministério da Saúde: Brasília, 2002.

ZAPATA Quintanilla Tammy. **Prostituição: Trabalho ou Escravidão Sexual?** Tradução: Maria Beatriz Pimentel S. Silva. CLADEM – Brasil: São Paulo, 2004.

Apêndice

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO – JUAZEIRO - BAHIA

Grupo de Mulheres do Girassol

- 1) Idade: \_\_\_\_\_
- 2) Religião: \_\_\_\_\_
- 3) Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_
- 4) Estado civil: \_\_\_\_\_
- 5) Possui filhos: \_\_\_\_\_ Quantos? \_\_\_\_\_
- 6) Há quanto tempo você está na prostituição: \_\_\_\_\_
- 7) Sua família sabe que você se prostitui/ prostituiu? \_\_\_\_\_

**Questionário aplicado com as mulheres do grupo Girassol da Pastoral da Mulher em Juazeiro da Bahia.**

- 1) Como você avalia o trabalho que a Pastoral vem realizando com você desde o início de sua caminhada na instituição?

---

---

---

- 2) No seu processo formativo, o que considera mais importante?

---

---

---

- 3) Quais os grandes avanços que você percebe em sua caminhada neste processo de saída da prostituição

---

---

---

4) Como você analisa as dificuldades encontradas pelo seu grupo de trabalho solidário?

---

---

---

5) Como você tenta superar os desafios que a vida cotidiana apresenta ao seu pequeno empreendimento solidário financeiro?

---

---

---

6) Diante dos desafios do cotidiano, o que você procura na relação grupal?

---

---

---

7) Em sua opinião, qual é o papel da Pastoral da Mulher junto ao Grupo Girassol?

---

---

---

8) Hoje você se considera uma pessoa mais livre e autônoma?

---

---

---

9) Quais são os seus sonhos para o futuro?

---

---

---

## ANEXOS

### Questionário de Pesquisa de campo – Juazeiro-BAHIA Respostas

Ana - tem 24 anos e não se prostitui. Possui o primeiro grau completo. Não participa de nenhuma religião. É solteira e tem 03 filhos.

1) Como você avalia o trabalho que a Pastoral vem realizando com você desde o início de sua caminhada na instituição?

**Bom, pois transformei minha vida e me ajudou na educação dos meus filhos.**

2) No seu processo formativo o que considera mais importante?

**A espiritualidade, pois eu era bruta demais, me tornei mais humana e entendo os outros.**

3) Quais os grandes avanços que você percebe em sua caminhada neste processo de saída da prostituição?

**Auto-superação de si mesma, superação dos preconceitos da sociedade, autoestima, valorização de si, acredita em si e na outra, reconhece suas potencialidades. Busca alternativa de vida, visando sair da prostituição. Acredita que hoje sua qualidade de vida melhorou.**

4) Como você analisa as dificuldades encontradas pelo seu grupo de trabalho solidário?

**No grupo não pode demonstrar o que sabe, porque provoca ciúme. Também há falta de iniciativa dos componentes.**

5) Como você tenta superar os desafios que a vida cotidiana apresenta ao seu pequeno empreendimento solidário financeiro?

**Procurando parcerias, economizando e tendo fé.**

6) Diante dos desafios do cotidiano, o que você procura na relação grupal?

**Dialogar com o grupo, buscar saídas em equipe, buscar assessoria da pastoral.**

Como você percebe assessoria da Pastoral?

**Boa, o apoio da pastoral é importante para o seu processo.**

7) Em sua opinião, qual é o papel da Pastoral da Mulher junto ao grupo Girassol?

**Deve ser mais rígido, cobrando da mulher até que o grupo fique firme.**

8) Hoje você se considera uma pessoa mais livre e autônoma?

**Sim, hoje estou trabalhando por conta própria e me sinto mais livre, sem muita responsabilidade.**

9) Quais são os seus sonhos para o futuro?

**Trabalho, ter meu negócio próprio e construir uma casa melhor.**

Bete- tem 29 anos, está na prostituição há 05 anos. Parou de estudar na terceira série. É católica, solteira e tem 03 filhos. Seus familiares sabem que ela exerce a prostituição.

1) Como você avalia o trabalho que a Pastoral vem realizando com você desde o início de sua caminhada na instituição?

**O trabalho ajudou principalmente na educação, aprendeu a respeitar e foi respeitada pelos outros. Recuperou sua autoestima e abriu portas na sua vida.**

2) No seu processo formativo o que considera mais importante?

**A abertura do Girassol, porque abriu oportunidade para ela e as amigas. Ela está no Girassol porque gosta do trabalho, mesmo que, às vezes, o retorno financeiro seja pouco.**

3) Quais os grandes avanços que você percebe em sua caminhada neste processo de saída da prostituição?

**Auto-superação de si mesma, superação dos preconceitos da sociedade, autoestima, valorização de si, acredita em si e na outra, reconhece suas potencialidades. Busca alternativa de vida, visando a sair da prostituição. Acredita que hoje sua qualidade de vida melhorou.**

4) Como você analisa as dificuldades encontradas pelo seu grupo de trabalho solidário?

**As dificuldades são conversadas no grupo, para poder buscar uma solução.**

5) Como você tenta superar os desafios que a vida cotidiana apresenta ao seu pequeno empreendimento solidário financeiro?

**Com muita paciência e calma, com conversa para buscar o melhor caminho.**

6) Diante dos desafios do cotidiano. O que você procura na relação grupal?

**Dialogar com o grupo, buscar saídas em equipe, buscar assessoria da pastoral.**

Como você percebe assessoria da Pastoral?

**Bom, o apoio da pastoral é importante para o seu processo.**

7) Em sua opinião, qual é o papel da Pastoral da Mulher junto ao grupo Girassol?

**O apoio é muito importante, oferecendo orientação, capacitação e acompanhando o grupo nas decisões.**

8) Hoje você se considera uma pessoa mais livre e autônoma?

**Sim, porque é livre para fazer o que quer, para trabalhar e tomar decisões.**

9) Quais são os seus sonhos para o futuro?

**Ser feliz. Saber fazer minhas escolhas.**

Camila - tem 42 anos, está na prostituição há 10 anos. É da religião católica, possui a 5ª série do Ensino Fundamental. É solteira, tem 02 filhos e seus familiares sabem que exerce a prostituição.

1) Como você avalia o trabalho que a Pastoral vem realizando com você desde o início de sua caminhada na instituição?

**Bom, porque aprendi muitas coisas.**

2) No seu processo formativo o que considera mais importante?

**O reconhecimento de mim mesma, o saber ouvir, procurar reconhecer quando estou errada sem querer colocar a culpa nas outras e as capacitações profissionais.**

3) Quais os grandes avanços que você percebe em sua caminhada neste processo de saída da prostituição?

**Auto-superação de si mesma, superação dos preconceitos da sociedade, autoestima, valorização de si, acredita em si e na outra, reconhece suas potencialidades. Busca alternativa de vida, visando a sair da prostituição. Acredita que hoje sua qualidade de vida melhorou.**

4) Como você analisa as dificuldades encontradas pelo seu grupo de trabalho solidário?

**As coisas que acontecem no grupo não são coisas que não aconteçam em outros grupos e que nos levam a desistir.**

5) Como você tenta superar os desafios que a vida cotidiana apresenta ao seu pequeno empreendimento solidário financeiro?

**Tento buscar alternativas dentro do próprio trabalho.**

6) Diante dos desafios do cotidiano, o que você procura na relação grupal?

**Dialogar com o grupo, buscar saídas em equipe, buscar assessoria da pastoral.**

Como você percebe assessoria da Pastoral?

**Bom, o apoio da pastoral é importante para o seu processo.**

7) Em sua opinião, qual é o papel da Pastoral da Mulher junto ao grupo Girassol?

**São várias: resgatar do 'mundão', apoio psicológico, inclusão no mercado de trabalho, capacitação profissional e reconhecimento de cada uma de nós como um ser humano de verdade.**

8) Hoje você se considera uma pessoa mais livre e autônoma?

**'Me considero' em todos os aspectos.**

9) Quais são os seus sonhos para o futuro?

**Conhecer de perto todas as pessoas que tenham me ajudado a mudar de vida, construir minha casa e continuar fazendo meu trabalho no Girassol.**

Débora - tem 42 anos, esteve 10 anos na prostituição. Tem o 1º grau completo, é evangélica, solteira, tem 01 filho e sua família sabia que exercia a prostituição.

1) Como você avalia o trabalho que a Pastoral vem realizando com você desde o início de sua caminhada na instituição?

**Bom. O trabalho me chamou atenção, fez me interessar e mudar muita coisa na minha vida. Hoje sou uma dona de casa e me importo comigo e meus filhos.**

2) No seu processo formativo, o que considera mais importante?

**O atendimento psicológico e as capacitações.**

3) Quais os grandes avanços que você percebe em sua caminhada neste processo de saída da prostituição?

**Auto-superação de si mesma, superação dos preconceitos da sociedade, autoestima, valorização de si, acredita em si e na outra, reconhece suas potencialidades. Busca alternativa de vida, visando a sair da prostituição. Acredita que hoje sua qualidade de vida melhorou.**

4) Como você analisa as dificuldades encontradas pelo seu grupo de trabalho solidário?

**Falta de retorno financeiro, o que provoca dificuldades para continuar.**

5) Como você tenta superar os desafios que a vida cotidiana apresenta ao seu pequeno empreendimento solidário financeiro?

**Nos horários vagos procuro algum trabalho para garantir alguma renda.**

6) Diante dos desafios do cotidiano, o que você procura na relação grupal?

**Dialogar com o grupo, buscar saídas em equipe, buscar assessoria da pastoral.**

Como você percebe assessoria da Pastoral?

**Bom, o apoio da pastoral é importante para o seu processo.**

7) Em sua opinião, qual é o papel da Pastoral da Mulher junto ao grupo Girassol?

**Dar apoio no que for necessário.**

8) Hoje você se considera uma pessoa mais livre e autônoma?

**Sim, porque hoje tenho mais liberdade para escolher as coisas para minha vida.**

9) Quais são os seus sonhos para o futuro?

**Ter minha casa e uma renda para sobreviver.**

Érica - tem 67 anos, esteve na prostituição 40 anos. É católica, tem o 1º grau completo, é solteira, tem 01 filho, e sua família sabe que exercia a prostituição.

1) Como você avalia o trabalho que a Pastoral vem realizando com você desde o início de sua caminhada na instituição?

**Bom trabalho, porque ajudou a desenvolver várias coisas na minha vida.**

2) No seu processo formativo, o que considera mais importante?

**O reconhecimento da sociedade.**

3) Quais os grandes avanços que você percebe em sua caminhada neste processo de saída da prostituição?

**Auto-superação de si mesma, superação dos preconceitos da sociedade, autoestima, valorização de si, acredita em si e na outra, reconhece suas potencialidades. Busca alternativa de vida, visando a sair da prostituição. Acredita que hoje sua qualidade de vida melhorou.**

4) Como você analisa as dificuldades encontradas pelo seu grupo de trabalho solidário?

**Acredito que deveria ter mais união entre os componentes do grupo e maior permanência da assessoria da pastoral no ponto Girassol.**

5) Como você tenta superar os desafios que a vida cotidiana apresenta ao seu pequeno empreendimento solidário financeiro?

**Não esquentando a cabeça, dialogando com o grupo e, às vezes, ficando quieta.**

6) Diante dos desafios do cotidiano, o que você procura na relação grupal?

**Dialogar com o grupo, buscar saídas em equipe, buscar assessoria da pastoral.**

Como você percebe assessoria da Pastoral?

**Bom, o apoio da pastoral é importante para o seu processo.**

7) Em sua opinião, qual é o papel da Pastoral da Mulher junto ao grupo Girassol?

**Apoiar como já é feito e levando cursos e parcerias para o grupo.**

8) Hoje você se considera uma pessoa mais livre e autônoma?

**Sim, porque hoje eu corro atrás dos meus recursos para resolver meus problemas.**

9) Quais são os seus sonhos para o futuro?

**O maior sonho é aumentar a casa, fazendo mais um quarto e ter a casa arrumada. Outro sonho é visitar as irmãs em São Paulo.**